

---

# MINIS/ÉRIO

---

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



## A RESSURREIÇÃO QUE GARANTE AS OUTRAS

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

# O líder e a crítica

Quem, no exercício de uma função de liderança, jamais foi alvo de críticas e observações contrárias à sua maneira de pensar e atuar? Por serem, na maioria das vezes, consideradas injustas e maldosas, tais críticas e observações levam alguns líderes a um tal estado de abatimento e depressão que os faz sofrer profundamente. Alguns até adoecem e vão morrendo aos poucos, quando não de modo prematuro e repentino.

Não menos prejudicial é quando o líder, julgando-se acima das críticas e observações, reage assumindo uma postura vingativa e de retaliações, marginalizando supostos desafetos. Passa, então, a colocar em prática os princípios maquiavélicos tão em voga na política secular: minimização de valores, desconsideração da ética, satisfação dos interesses pessoais, priorização do apego ao poder. No entanto, tendo Jesus como supremo exemplo, o líder cristão agirá diferente.

Um notável pregador escocês do passado, Alexander Whyte, certa vez declarou ter tomado a decisão de fazer-se três perguntas antes de emitir qualquer crítica a respeito de alguém. Ei-las: é verdade? é necessário? é útil? Possivelmente, a primeira coisa que deveríamos fazer ao nos depararmos com as críticas que outros nos dirigem, seria também fazermos a nós mesmos essas indagações. A crítica não é de todo má. Ela pode trazer-nos lições positivas, ou seria questionável o princípio enunciado pelo apóstolo Paulo em Romanos 8:28: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito." Um bem que a crítica pode nos proporcionar é o incentivo à busca da excelência, e a vigilância sobre nós mesmos e nossos motivos.

Depois de tudo, de onde tiramos a idéia de que estamos acima de qualquer possibilidade de errar? Por que temos a tendência de imaginar que sempre estamos certos, e os outros sempre estão errados? Uma crítica pode ser verdadeira, sim; necessária para nos levar a rever algumas posições e atitudes assumidas em relação ao trabalho, às situações e às pessoas que nos cercam. Pode ser útil para nos ensinar a crescer em todos os aspectos.

Todavia, o desenvolvimento dessa visão é fruto de uma comunhão diária com o Senhor, tão íntima e profunda que nos transmita grande dose de paciência e dignidade diante da prova, maturidade e estabilidade cristãs. E isso é tudo o que Deus deseja que aprendamos a manifestar em todas as situações. Ele deseja infundir-nos tão grande segurança de Seu amor, que desenvolvamos a coragem para mudar, se a crítica for verdadeira, e força para suportá-la, se ela não se justificar.

Seja qual for o caso, a Bíblia está repleta de promessas de cuidado de Deus por Seus filhos, e de Sua disposição para reivindicar a causa deles. Uma dessas promessas está em Zacarias 2:8: "Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: para obter Ele a glória, enviou-me às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho." Nenhuma injustiça praticada ou dita em relação a um filho de Deus Lhe soará indiferente. O Senhor nos vê, nos conhece, cuida de nós e jamais nos deixará; Seu amor cura nossas mágoas. Devemos sentir ânimo e muita alegria, sabendo que somos "a menina do Seu olho", portanto extremamente caros e preciosos a Ele.

Que o Senhor nos conceda a maturidade cristã necessária para encararmos as críticas com equilíbrio, sabedoria e humildade, a fim de aprendermos e praticarmos as lições que nelas estejam implícitas. Caso se demonstrem injustas e falsas, mantenhamo-nos dignos e confiantes o suficiente para, ao invés de nos defendermos, dando asas ao destempero ou valendo-nos das armas do mundo, deixarmos tudo nas mãos de Deus. — *Zinaldo A. Santos.*

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 67 – Número 03 – Mai./Jun. 1996 – Periódico Bimestral  
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## ARTIGOS

**9** DE ONDE VEM A MAÇONARIA  
*Zildo Leite da Silva*

**12** O PEDIDO DE SALOMÃO  
*Alejandro Bullón*

**15** A RESSURREIÇÃO QUE  
GARANTE AS OUTRAS  
*Joe Jerus*

**20** CRIANÇAS QUE PEDEM  
SOCORRO  
*Carol Carrel*

## SEÇÕES

**2** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO  
O LÍDER É A CRÍTICA  
*Zinaldo A. Santos*

**4** ENTREVISTA  
CRISTO NÃO VAI TARDAR  
*José Carlos Ramos*

**25** PASTOR  
COMO ADMINISTRAR UM  
SUPERDISTRITO  
*George Chama Mwansa*

**29** AFAM  
SEM PERDER O CONTROLE  
*Norman Wright e Gary Oliver*

**32** BIBLIOTECA DO PASTOR

**Diretor Geral:** Wilson Sarli;  
**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa;  
**Editor:** Zinaldo A. Santos;  
**Editor de Arte:** Wilson de Almeida;  
**Diagramação:** Josias Silva;  
**Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón;  
José M. Viana;  
**Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente;  
Jefé Carvalho.  
**Capa:** Harry Anderson

Todo artigo ou correspondência para a  
Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte  
endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970  
Brasília, DF.



**CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000  
Tatuf, SP.

3635

# Cristo não vai tardar



Cortês do entrevistado

**Dr. José Carlos Ramos.**

*Paulista de São Caetano do Sul, onde nasceu há 54 anos, num lar católico, o Dr. José Carlos Ramos conheceu a mensagem adventista aos onze anos. Batizado pelo Pastor Manoel Margarido, na igreja de Santo*

*Amaro, em São Paulo, fez o primeiro grau no antigo Ginásio Adventista Campineiro (atual Iasp), segundo grau e Faculdade de Teologia no IAE. Iniciou suas atividades ministeriais, em 1966, na antiga Missão Bahia-Sergipe como evangelista. Três anos depois, assumiu seu primeiro distrito: Igreja Central de Salvador, servindo posteriormente em Aracaju e Itapagipe. Em 1975, foi para a Associação Rio-Minas como diretor de Comunicação e evangelista, sendo nomeado, no ano seguinte, diretor de Comunicação da União Este-Brasileira, cargo que ocupou até 1978 quando foi lecionar na Faculdade de Teologia do ENA. De 1981 a 1984, cursou o Doutorado em Ministério na Andrews University, retornando ao ENA em seguida. Em 1991, assumiu a direção do Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, Salt, já no Iaene, de onde veio em 1993 para conduzir o programa de pós-graduação do Salt.*

*De seu casamento, em 1969, com Elda*

*Martins Ramos, nasceram três filhos: Jarlan, 25 anos, Elmara, 23 anos, e Jaider, 21 anos. Dizendo-se feliz em seu trabalho, o Pastor Ramos destaca os maiores privilégios de seu ministério: realização do batismo do pai, em 1977, dos fi-*

*lhos em 1985, e o casamento da filha com o Pastor Sandro Braun.*

*Do IAE, concedeu a entrevista que segue:*

**MINISTÉRIO:** *Em que termos o senhor justifica a validade de um programa doutoral na Divisão Sul-Americana?*

**PASTOR RAMOS:** *Eu diria que o fato de formarmos uma das Divisões que mais crescem no mundo é uma boa razão para isso. Crescimento não é apenas privilégio. Ele traz responsabilidades que se intensificam na medida em que nos conscientizamos dos maiores desafios que se antepõem ao nosso avanço e que demandam maior qualificação e empenho da nossa parte. A Igreja e o mundo, incluindo a premência do tempo e das novas realidades da vida humana hoje, exigem um ministério mais qualificado e preparado em suas diferentes funções. Essa melhor qualificação, o Doutorado em Teologia Pastoral o Salt propõe oferecer.*

**MINISTÉRIO:** *Como o senhor avalia o DTP, estando ele prestes a formar a primeira turma?*

**PASTOR RAMOS:** A julgar pelo testemunho e entusiasmo dos alunos, o programa começou bem e prosseguirá melhor. Ele está inteiramente voltado para os interesses do ministério adventista e os ideais da Igreja. Abrange três áreas específicas de estudo: Administração eclesiástica, evangelismo e crescimento de igreja. Os cursos têm alcançado seus objetivos. As classes, em sua maioria, se desenvolvem na forma de seminários, onde a participação do aluno é requerida. Isso concorre para um melhor aproveitamento. Os professores são de altíssimo nível. O DTP tem tudo para dar certo.

**MINISTÉRIO:** *Quantos obreiros participam do programa e quantos estarão se formando?*

**PASTOR RAMOS:** São 24 obreiros de toda a DSA: dez no Brasil, onze no Peru e três na Argentina. Esperamos a primeira graduação para o início de 1997. Nem todos, porém, deverão se graduar agora. Esse é um nível acadêmico no qual o próprio participante imprime o ritmo de cumprimento dos requisitos. Entre 60 e 70% dos candidatos estão agora trabalhando no projeto doutoral, última etapa para a graduação.

**MINISTÉRIO:** *Como é o funcionamento e qual a filosofia do curso?*

**PASTOR RAMOS:** O programa prevê três verões (dezembro a fevereiro), ou períodos de classes e estudos independentes, seguidos de nove a doze meses para a elaboração do projeto. Ao todo, são 48 créditos acadêmicos requeridos para graduação. O Salt não existe por amor do simples intelectualismo acadêmico, ou meramente para se empenhar na busca de soluções aos chamados problemas teológicos. Aprimoramento acadêmico com vistas à prática do ministério é o que motiva a existência e as atividades do Salt. No que respeita ao DTP, o Salt oferece um plano avançado de estudos em Teologia aplicada solidamente embasado na Bíblia, nos escritos de Ellen White e nos ideais e

princípios denominacionais. Sua proposta é facultar aos participantes um preparo intelectual e técnico mais efetivo e aprimorado para o serviço nas respectivas áreas de ação.

**MINISTÉRIO:** *A seu ver, de que o pastor é mais carente hoje: conhecimento teológico ou eficiência no trabalho prático?*

**PASTOR RAMOS:** Acho que ambas são essencialmente necessárias, considerando que nossa filosofia de conhecimento teológico deve gerar maior eficiência no trabalho. Creio que igreja alguma é merecedora do castigo de ter que suportar um pastor que é, ou apenas um "homem de gabinete", ou alguém que concorra consideravelmente para a pobreza de nosso púlpito. Nossas igrejas necessitam de homens plenos do poder divino, devidamente preparados e eficientes na condução dos interesses do ministério.

---

**Crescimento não é apenas privilégio. Ele traz responsabilidades e desafios que demandam maior qualificação e empenho da nossa parte.**

---

**MINISTÉRIO:** *A expectativa por resultados imediatos faz com que algumas pessoas ainda não compreendam bem a importância de se investir no crescimento intelectual do pastor. Como o senhor vê isso?*

**PASTOR RAMOS:** Bem, as opiniões diferentes devem, no mínimo, merecer nosso respeito. De minha parte, acredito piamente que investir no crescimento intelectual do pastor trará dividendos mais que compensadores. Não podemos nos esquecer de que a única razão porque a Igreja ainda está no mundo é que ela tem uma missão a cumprir, em favor de uma sociedade cada vez mais complexa e exigente, e ao mesmo tempo mais decadente e perdida. Todavia, para alguns (e sinceramente espero que sejam mesmo somente alguns) é difícil aceitar que esses dividendos surjam a médio e longo prazos. Uma mentalidade imediatista, é, a meu ver, mais danosa que benéfica para os elevados ideais da Igreja.

**MINISTÉRIO:** *Como mudar essa situação?*

**PASTOR RAMOS:** Acredito que quando a força dos argumentos é insuficiente para mudar certos conceitos, devemos "dar tem-

po ao tempo". Se conheço um pouco a maneira como o Espírito Santo opera, sei que Ele muitas vezes consegue num instante o que os homens repetidamente tentam em vão. É pena que, somente depois de se perder muito tempo e outros recursos, é dada uma chance para Ele. Certas mudanças tomam, naturalmente, um bom tempo até que sejam plenamente aceitas.

**MINISTÉRIO:** *Mudando de assunto, como o senhor vê a Igreja no limiar de um novo século?*

**PASTOR RAMOS:** Em lugar de vê-la como uma Igreja debatendo-se com várias dificuldades, oriundas de seu próprio crescimento e expansão, prefiro, em que pese a importância desse aspecto mais social, vê-la antes de tudo como o instrumento divino no mundo, para a comunicação da mensagem redentora do evangelho. Prefiro vê-la diante da mais "estupenda crise", como diz Ellen White, prestes a se abater sobre o mundo, e precisamente por causa disso, diante de sua mais significativa oportunidade. Fico emocionado ao considerar que possuímos a resposta para as inquietantes indagações do mundo, neste final de século, e a única solução para os problemas que atormentam a vida humana hoje. Acho que, considerando a necessidade do mundo, por um lado, e os recursos que o Céu colocou à nossa disposição, por outro, é alto tempo de levantarmos, sacudirmos a mornidão laodiceana que ainda nos assedia, e cumprirmos o mandato do Senhor. Não negligenciando, é claro, nosso preparo pessoal.

**MINISTÉRIO:** *Que avaliação o senhor faz do panorama mundial, em relação às profecias, especialmente aquelas contidas em Daniel e no Apocalipse?*

**PASTOR RAMOS:** Não posso crer senão que este é o tempo áureo do cumprimento das profecias relativas ao fim. Não é possível que a volta de Jesus não esteja próxima. Para qualquer direção que olhamos, seja para a História, seja para a profecia, vemos evidên-

cias disso. Estamos na ponta dos pés da estátua de Daniel 2, no momento em que o Anunciação de Dias está para fazer "justiça aos santos" em Daniel 7, na fase final da purificação do Santuário de Daniel 8, no lance culminante das conquistas do rei do norte de Daniel 11, na 7ª e última igreja do Apocalipse, entre o 6º e o 7º selos, na 7ª trombeta, e no tempo em que a tríplice mensagem angélica avança para alcançar os últimos rincões do mundo. Nossas percepções espirituais indicam que caminhamos apressadamente para o cumprimento de Apocalipse 17 e 18, para o momento em que Deus julgará a meretriz, e ao tempo em que iluminará a Terra inteira com a glória do evangelho e do caráter de Cristo, refletido no remanescente através da Chuva Serôdia. Enquanto isso, contemplamos os avanços, nada furtivos, do espiritismo em suas múltiplas formas, do poder papal na perspectiva da cura da ferida mortal, e do protestantismo no seu galopante processo de apostasia. O mundo inteiro está sendo arregimentado para o fim. O movimento ecumênico está na ordem do dia. Que o diga a Encíclica papal *Ut Unum Sint*, recentemente expedida. Como sabemos, as nações estão se agrupando em blocos, onde interesses religiosos, políticos, comerciais e econômicos estão envolvidos. Já são contados oito blocos. Não me causará surpresa

---

A Igreja está diante da  
mais "estupenda crise",  
prestes a se abater sobre o  
mundo. E, precisamente  
por isso, diante de sua  
mais significativa  
oportunidade.

---

se chegarem a dez, cumprindo, possivelmente, o detalhe dos "dez reis" de Apocalipse 17, que darão seu apoio à besta. Há um anseio cada vez maior pela democracia como forma mundial de governo (e esse é um detalhe de Apocalipse 13), e uma abertura cada vez mais definida para o Ocidente, de onde virá o anticristo em seu domínio final. Duvidamos ainda de que estamos no fim? Que mais está faltando que não esteja em rápido processo de cumprimento?

**MINISTÉRIO:** *Há quase dois mil anos estamos afirmando que a Volta de Cristo está próxima. Parece que em alguns lugares essa "demora" tem suscitado sérias questões.*

**PASTOR RAMOS:** As sérias questões

suscitadas pela “demora” simplesmente não ocorreriam se aqueles que as levantam lembrassem que o mesmo Novo Testamento que fala da iminência, faz igual referência à “demora”. À luz de II Pedro 3:8 a 10, entendemos que a tensão existente entre iminência e tardança tem perturbado pessoas desde os tempos apostólicos. Tais pessoas se esquecem de que a tardança é motivada pela misericórdia divina, e questionar a validade da mensagem do advento em virtude dessa tardança, é, em última análise, tomar a misericórdia como pretexto para a incredulidade. Outro ponto crucial é onde fundamentamos nossa fé: naquilo que Deus ainda fará, ou no que Ele já fez? Certamente no que Ele já fez. Nossa fé se substancia no ato de Deus consumado em Cristo, enquanto nossa esperança olha para o futuro, para o Seu retorno. Mas em primeiro lugar vem o fato de que nossa salvação foi devidamente sacramentada no Calvário, e, a não ser que o permitamos, ninguém a tirará de nós, não importa se Cristo demore mais, ou menos, para voltar. O verdadeiro crente jamais duvidará de que Aquele que iniciou Sua boa obra “há de completá-la até o dia de Cristo Jesus”.

**MINISTÉRIO:** *A seu ver, qual o sinal mais significativo da Volta de Jesus?*

**PASTOR RAMOS:** Entendo que cada acontecimento no mundo hoje é uma evidência da proximidade do fim. Mas eu citaria dois que, particularmente, me parecem tremendamente significativos: 1) O fim da guerra fria, com todas as suas implicações, e 2) a penetração poderosa do evangelho em países que até há pouco estavam fechados. O primeiro nos lembra I Tessalonicenses 5:3, e o segundo Mateus 24:14, textos que afirmam explicitamente que em seguida a esses fatos “virá o fim”.

**MINISTÉRIO:** *Sempre relacionamos a volta de Jesus ao cumprimento da missão. Deus está mesmo dependendo de nossa atitude nesse sentido?*

**PASTOR RAMOS:** Esta é outra questão

um tanto debatida. Até onde Deus depende do homem para o cumprimento de Seu propósito? É verdade que Jesus não voltará enquanto Sua Obra não for concluída, e dessa Obra participamos. Entendo, não obstante, que Deus é soberano, e não depende de qualquer criatura para o que quer que seja. No entanto, Ele preferiu incluir-nos em Seus planos, e isso é muito mais privilégio de nossa parte do que necessidade Sua. A Bíblia diz que a Obra é de Deus e será Ele quem a concluirá. Alguém afirmou que não sabia dizer se Deus conduz Sua Obra com os homens, sem os homens ou apesar dos homens. Estou seguro de que Ele o fará com a nossa participação, se Lhe dermos uma chance. Nossa negligência, é certo, tem postergado nossa entrada no Céu. Mas isso também não pegou Deus de surpresa. Ele tem todas as coisas em Suas mãos, de maneira que, como afirma Ellen White, “os desígnios de Deus não conhecem adiantamento, nem tardança”.

---

---

## Questionar a mensagem do advento em virtude de uma suposta tardança, é, em última análise, tomar a misericórdia como pretexto para a incredulidade.

---

---

**MINISTÉRIO:** *Sabendo-o estudioso também da Cristologia, que tipo de natureza humana assumiu Jesus?*

**PASTOR RAMOS:** A Bíblia parece indicar que tanto a natureza pré-lapsariana como a pós-lapsariana foram assumidas por Cristo na encarnação. Evidentemente

Ele não possuía duas naturezas humanas, mas apenas uma, que comportava, todavia, dois aspectos distintos. Ele tanto era o imaculado Filho de Deus, como Aquele que tomou sobre Si as nossas dores e limitações.

**MINISTÉRIO:** *Algumas poucas declarações de Ellen White parecem dar a impressão de que a conservação da natureza humana limitou a Cristo. Como explicar isso?*

**PASTOR RAMOS:** O trecho mais citado sobre isso encontra-se no livro *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 499, onde ela afirma que “embaraçado com a humanidade, Cristo não poderia estar em toda parte em pessoa. Era, portanto, do interesse deles que fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra. Ninguém poderia ter então vantagem devido à sua situação ou seu contato pessoal com Cristo. Pelo Espírito, o Salva-

dor seria acessível a todos”. Isso parece comprometer a onipresença de Deus Filho. Mas notemos que ela se refere à Sua presença “em pessoa”. Fala também da vantagem do “contato pessoal” com Ele, desfrutada por aqueles que estivessem no local onde Jesus Se encontrasse. É claro que ela está falando, não de Sua onipresença divina, mas de Sua presença corpórea, o que tem a ver com Sua humanidade. Por amor aos próprios discípulos que haveriam de se multiplicar por todo o mundo, a presença de Jesus, como observada na Palestina há dois mil anos, não deveria continuar na Terra. Esse tipo de presença seria transferido para o Céu, de onde Ele enviaria o Consolador através do qual estaria com eles em todas as épocas e lugares. Não vejo aqui nada que comprometa a onipresença do Filho de Deus, que independe da encarnação, da ascensão e do envio do Espírito. O assunto tem a ver com comunhão e não com onipresença.

**MINISTÉRIO:** *Quem morreu na cruz: Cristo humano, ou Cristo divino-humano? Muitas pessoas se debatem com essa dúvida.*

**PASTOR RAMOS:** A inspiração deixa claro que foi a natureza humana de Jesus que morreu, não Sua divindade. Esta não poderia morrer. Entendo que em lugar de nos referirmos à morte do “Cristo divino-humano”, seria mais próprio mencionar o sacrifício divino-humano de Cristo. É inegável que todo o Ser de Jesus foi envolvido na obra de resgatar-nos, mas isso não significa que Sua natureza divina só seria envolvida se ela, a exemplo da humana, morresse. A função da natureza divina no ato do sacrifício de Cristo não era incorrer na morte, mesmo porque Deus é imortal. Sua função foi tríplice: 1) sustentar a natureza humana, para que ela suportasse o peso da dor e do pecado, e prosseguisse até o fim, consumando o sacrifício da cruz; 2) apropriar-Se do sofrimento suportado pela natureza humana; e 3) comunicar Seu poder e valor ao sacrifício da cruz, de forma que este atingisse a estimacão necessária para nossa salvação, mediante o pagamento pleno do preço requerido. Essa reciprocidade entre as naturezas no ato da redenção hu-

mana é reconhecida como *genus majestaticum*, isto é, existe uma transferência de propriedades de uma natureza para outra, para o cumprimento de atos expiatórios. Dessa forma o sacrifício humano de Jesus alcançou valor infinito.

**MINISTÉRIO:** *Se tivesse apenas uma oportunidade de falar aos líderes da Igreja, o que lhes diria?*

**PASTOR RAMOS:** Jamais devemos nos esquecer de que a tarefa de liderar a Igreja é antes pastoral que simplesmente administrativa, embora estejam envolvidos também princípios administrativos. Às vezes, somos tentados a tratar a Igreja nos moldes de um bom negócio, de uma rentável empresa, cujos interesses envolvem apenas fortalecimento econômico e expansão do patrimônio. Deus nos salve de uma mentalidade secularizada de liderança. Estejamos vigilantes, porque o perigo do institucionalismo sempre

ronda os nossos arraiais. É imperioso que mantenhemos continuamente acesa a consciência de que lidamos, antes de tudo, com seres humanos comprados com o sangue de Cristo, que devem ser preparados para o Céu, e que nós mesmos estamos incluídos entre eles. Tal consciência nos livrará de

---

---

Todo o Ser de Jesus foi envolvido na obra de resgatar-nos, mas isso não significa que Sua natureza divina teria de morrer.

---

---

certas tendências que contrariam o plano divino. Creio ser sempre oportuna a admoestação que Pedro deixou aos líderes de seu tempo: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade, nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho.” (I Ped. 5:2 e 3). Esse tipo de liderança não se fundamenta apenas num relacionamento horizontal (do líder para os liderados), mas também num relacionamento vertical (do líder para com Deus); e isto vem primeiro. Necessitamos diariamente do batismo do Alto. Afinal, alguém pretender liderar a Igreja sem primeiro submeter-se à liderança divina, não faz sentido. Esse é um ponto crucial, porque dele depende o verdadeiro êxito na Causa de Deus.

# De onde vem a maçonaria

ZILDO LEITE DA SILVA

*Pastor do Centro Educacional Adventista do Recife.*

**E**spalhada por todo o mundo, tendo como símbolos os instrumentos de arquitetos e pedreiros, a maçonaria é uma sociedade secreta e filantrópica, cuja origem é incerta e muito discutida. Muitos costumam fazê-la derivar dos tempos bíblicos e, mais especificamente, de Hirão, arquiteto do templo de Salomão, e que teria classificado seus operários em aprendizes, companheiros e mestres.

Há os que relacionam a origem da maçonaria aos essênios, caldeus, pitagóricos, ou às corporações operárias criadas por Numa, em 715 a.C. No entanto, apesar da tendência comum para o misticismo e para certas manifestações simbólicas, não há fatos que permitam ligar mais solidamente a origem da maçonaria a qualquer dessas raízes.

Atualmente, a maçonaria é de tal forma dividida, que não existe um padrão maçom que possa ser aplicado a todas as suas divisões. Muitas vezes, o conceito de maçonaria dependerá do país no qual é praticada.

Como antecedentes das lojas maçônicas, são indicadas as associações medievais de pedreiros que construíram as catedrais. O fato de que esses pedreiros mantinham em segredo certos conhecimentos profissionais, explica a existência dos segredos maçônicos, que desde o século XVIII tinham apenas valor simbólico. Alguns desses símbolos (martelo, colherão, avental) ainda lembram a origem profissional da instituição, assim como a designação de Deus como supremo

arquiteto do Universo.

A partir do século XVII, as associações de pedreiros livres na Inglaterra, perderam o caráter profissional, admitindo como membros honorários pessoas da nobreza, do clero anglicano, juristas e outros profissionais liberais, que logo chegaram a constituir a maioria dos membros. O livro da constituição maçônica de 1723 refletia o espírito do século XVIII: tolerância religiosa, fé no progresso da humanidade e fé em Deus; certo racionalismo excludente das formas exterior

res da religião organizada como igreja; e aversão contra o sacerdócio oficial e contra a fé em milagres.

Essa organização social dos pedreiros livres deu origem, logo a seguir, a cerca de 1.700 lojas ou oficinas, como são chamados os locais de reunião. Em 1730, os ingleses introduziram as lojas nos Estados Unidos, país no

qual encontra-se o maior número de maçons do mundo.

### Religião ou sociedade

**E**xiste uma grande polêmica sobre o fato de ser a maçonaria uma religião ou uma sociedade. Grande parte de seus adeptos afirma que não se trata de uma religião, mas uma sociedade que aceita homens de qualquer credo religioso.

Lembrando o conceito de religião como "a vida do homem nas suas relações sobrenaturais, isto é, a vida do homem em rela-

Atualmente, a  
maçonaria está muito  
dividida. Muitas vezes,  
o conceito de maçonaria  
dependerá do país no  
qual ela é praticada.

ção ao Poder que o criou, à autoridade suprema acima dele, e ao Ser invisível com quem o homem é capaz de ter comunhão"; e sociedade como uma associação de pessoas com interesses comuns, fundamentada em uma explicação da realidade aceita por todos, podemos conceituar a maçonaria como as duas coisas. É uma religião, porque se preocupa com a busca, por parte do homem, por uma ligação maior com o sobrenatural através de ritos místicos. É sociedade, porque todos os seus membros possuem interesses comuns, dentre os quais o aperfeiçoamento humano. Não é uma igreja. No entanto, em seu aspecto religioso, é inegável que se trata de um culto. Sua filosofia religiosa é semelhante ao deísmo inglês do início do século XVIII.

Seus membros a consideram uma instituição soberana, e a obra mais perfeita que o homem já realizou. Todas as suas cerimônias possuem um fundo místico, dando muita ênfase ao espiritismo e suas doutrinas. A maçonaria está intimamente ligada ao espiritismo, pois só admite membros crentes na existência de um Ser superior, e na idéia de que a vida não cessa após a morte, continuando em outra dimensão. Noutras palavras, a imortalidade da alma.

É pensamento de alguns autores maçons que os ensinamentos de Jesus são semelhantes aos da maçonaria. E vão mais além, afirmando que Jesus foi um membro da sociedade maçônica, e que Ele foi iniciado entre os essênios, no período entre os seus doze anos, quando já discutia entre os doutores, e os 30, quando iniciou Seu ministério público. Afirmam ser daí, a origem dos "profundos conhecimentos esotéricos" de Cristo. Quando se referem a Deus, os maçons O chamam de "O grande arquiteto do Universo", e o culto a Ele baseia-se na prática de boas obras.

#### Maçonaria e Nova Era

Por ocasião de uma "festa branca", encontro aberto à participação de familiares e amigos dos maçons, um grão-mestre afirmou que "a maçonaria e o esoteris-

mo andam de mãos dadas, lutando e se preparando juntos para assim entrarem na Era de Aquário, a Nova Era aguardada por todos". Outro adepto, indagado sobre a relação da maçonaria e o Movimento Nova Era, disse que não há diferença entre os dois fenômenos, estando ambos tão ligados que é possível afirmar que a maçonaria é Nova Era.

Humberto Rohdes, citado na revista maçônica *Fraternidade*, jan./fev. 1988, garante que "não existe ser algum que tantos nomes tenha como o Grande Ser. Um Ser inominável, mas onisciente, onipotente e onipresente. Os homens, em realidade, dão-Lhe os nomes mais diversos, como: Deus, Divus, Zeus (um Ser luminoso); God, Golt, Gut (um Ser bom); Alah (o Senhor dos senhores, o Chefe); Brahman (O Ser ilimitado); Jeová (o Ser)".

Essa declaração traz à lembrança o fato

---

Para seus adeptos, a  
maçonaria é uma  
instituição soberana, a  
obra mais perfeita que o  
homem já realizou.

---

de que o Movimento Nova Era afirma que Cristo não é o nome de um indivíduo, mas de um ofício na hierarquia dos mestres ocultos. Os judeus, por exemplo, até hoje esperam o seu Messias; os muçulmanos ainda aguardam o seu Imã Majdi; os budistas esperam com ansiedade o quinto Buda; os hindus têm esperança de

ver retornar o Krishna; e os cristãos esperam o advento de Jesus Cristo.

Os esotéricos conhecem todos esses personagens, e muitos outros, como um único ser, o mestre universal, a suprema cabeça da hierarquia espiritual dos mestres, e aguardam o seu retorno, na Era de Aquário.

#### Segredo maçônico

A maçonaria está envolta em muitos segredos. Eles são "a significação profunda de seus símbolos. São os sinais figurativos e as palavras que compõem o linguajar maçônico, para comunicação a uma distância maior e para reconhecimento dos maçons, não importando o idioma que falem". (*O Grau de Aprendiz Maçom*, pág. 21).

"Os segredos maçônicos constam de símbolos, alegorias, ritos, cerimônias, sinais de

identificação, doutrinas filosóficas ou dogmas religiosos que já foram ocasionalmente revelados. O maior segredo do qual o neófito toma conhecimento ao penetrar na maçonaria, é o fato de saber que, na realidade, a coisa não é nada daquilo que pensava.” (*Religiões, Seitas e Heresias*, pág. 113).

Esses segredos, de um modo geral, são ritos, dogmas e mistérios tirados do judaísmo, do misticismo babilônico e egípcio, que tornam a instituição semelhante às sociedades espiritualistas.

Uma das qualificações que a maçonaria espera de um candidato à iniciação é que este tenha a capacidade de guardar segredos, “de conservar sob severos cuidados as jóias que lhe são confiadas”. Afirmam os maçons que o homem comum, o profano (todos os que não fazem parte da sociedade maçônica), sem imaginação ou aspiração, não pode compreender tudo aquilo que é oferecido ao longo da vida de um maçom, e que não está capacitado a aprender as verdades ocultas em cada ensinamento.

Desfazer as imagens construídas em torno da maçonaria, é uma coisa que não preocupa os que dela fazem parte. Agradam-lhes serem vistos como pessoas diferentes, que até causam certo medo aos “profanos”.

### O cristão e a maçonaria

**D**iante do que foi exposto até aqui, é possível afirmar, sem a menor hesitação, que o melhor caminho para um cristão é distanciar-se da maçonaria.

A esse respeito, são bastante oportunas as seguintes declarações de Ellen White:

“A recomendação do Senhor, ‘Não vos prendais a um jugo desigual com infieis’, não se refere apenas ao casamento dos cristãos com os infieis, mas a todas as alianças em que as partes são postas em íntima associação, e na qual é necessário harmonia de espírito e de oração. ...

“Pessoas há que indagam se é direito cristãos pertencerem aos maçons e outras sociedades secretas. ... Se somos cristãos na verdade, cumpre-nos sê-lo em toda parte, e é preciso considerar e atender o conselho dado

para tornar-nos cristãos segundo a norma da Palavra de Deus. ...

“Em vossa ligação com as sociedades mundanas, estais vós guardando vosso concerto com Deus? Tendem acaso essas associações a encaminhar vosso espírito ou o dos outros, para Deus, ou estão elas desviando dEle o interesse e a atenção? Revigoram elas vossos laços com os instrumentos divinos, ou voltam-vos o espírito para o humano em lugar do divino?

“Ao passo que talvez haja nessas sociedades muita coisa que pareça boa, há, de mistura com isto, muito que anula o efeito do bem, e torna essas sociedades prejudiciais aos interesses da alma.

“Aqueles que se acham sob a ensanguentada bandeira do Príncipe Emanuel, não se podem unir aos maçons, ou com qualquer organização secreta. O selo do Deus vivo não será posto sobre ninguém

---

Agrada aos maçons, o  
serem vistos como  
pessoas diferentes, que  
até causam certo medo  
aos “profanos”.

---

que mantenha tal ligação depois de a luz da verdade haver-lhe iluminado o caminho. Cristo não está dividido, e os cristãos não podem servir a Deus e a Mamom. Diz o Senhor: ‘Saí do meio deles e apartai-vos, ... e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso.

“O mundo é um teatro; os atores, seus habitantes, estão-se preparando para fazer sua parte no último grande drama. Entre as grandes massas da humanidade não há união, a não ser quando os homens se aliam para realizar seus propósitos egoístas. Deus está observando. Seus propósitos a respeito de Seus súditos rebeldes se cumprirão. O mundo não foi entregue às mãos dos homens, embora Deus esteja permitindo que os elementos de confusão e desordem dominem por algum tempo. Um poder de baixo está operando para desenvolver as últimas grandes cenas do drama – Satanás apresentando-se como Cristo e operando com todo o engano da injustiça naqueles que se estão unindo em sociedades secretas. Os que estão cedendo à paixão por confederar-se, estão executando os planos do inimigo. A causa será seguida de efeito.” – *Evangelismo*, págs. 617 a 623.

# O pedido de Salomão

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

“**E**m Gibeon apareceu o Senhor a Salomão de noite em sonhos. Disse-lhe Deus: Pede-Me o que quiseres que Eu te dê. Respondeu Salomão: De grande benevolência usaste para com Teu servo Davi, meu pai, porque ele andou em retidão de coração, perante a Tua face; mantiveste-lhe esta grande benevolência, e lhe deste um filho que se assentasse no seu trono, como hoje se vê. Agora, pois, ó Senhor meu Deus, Tu fizeste reinar a Teu servo em lugar de Davi meu pai; não passo de uma criança, não sei como conduzir-me. Teu servo está no meio do Teu povo que elegeste; povo grande, tão numeroso que se não pode contar. Dá, pois, ao Teu servo coração entendido para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois quem poderia julgar a este grande povo?” (I Reis 3:5 a 9).

Há, nesse texto, algumas lições que podem nos ajudar em nosso ministério, especialmente quando temos que tomar importantes decisões. Qual é a expectativa de Deus em relação a um líder cristão? Tomemos o caso de Salomão, recém-eleito rei de seu país. Uma noite, Deus lhe aparece em sonho e lhe faz um oferecimento que qualquer ser humano, na face da Terra, gostaria de receber: “Pede-Me o que quiseres que Eu te dê.”

## Coração entendido

**E**ssa é uma promessa de profundo significado. Pelo contexto da passagem, é possível verificar que Salomão poderia ter pedido vida longa, riqueza, poder, aplausos, fama e glória. Porém, ele reconhece sua insignificância e, humildemente, faz o seu pedido: “Dá, pois, ao Teu servo coração entendido.” Esse coração entendido, ao lado de outras palavras tais como sabedoria, discernimento, critério e sentido comum, vem de um mesmo verbo em duas diferentes derivações; o verbo hebraico *jokmáj*. As aplicações desse verbo são vá-

rias: bom juízo, discernimento, saber decidir e saber tomar uma posição correta no momento exato.

É interessante notar que Ellen G. White diz o seguinte: “Junto à espiritualidade, o bom critério é indispensável para todo ministro.” (*Testimonies*, vol. 9, pág. 277).

Segundo essa declaração, para que um ministro seja útil nas mãos de Deus, não é suficiente ser um homem espiritual. Junto à espiritualidade, o bom critério, o *jokmáj*, o saber decidir e o sentido comum são qualidades indispensáveis na vida e no trabalho de um ministro.

Ela diz mais: “O tato e o critério centuplicam a utilidade de um obreiro.” (*Evangelismo*, pág. 638). Não se trata de ser duas ou dez vezes mais. A promessa é que poderíamos ser obreiros cem vezes mais úteis se tivéssemos o *Jokmáj*. Por isso, quando Deus Se apresentou a Salomão e lhe disse “Pede-Me o que quiseres”, o jovem rei respondeu: “Senhor, tudo o que eu quero é um coração entendido.” Com que propósito? “Para julgar a Teu povo.”

É interessante como os idiomas grego e hebraico nos dão esclarecimentos que a língua portuguesa não oferece. A expressão “para julgar” não significa apenas fazer juízo. Há diferentes palavras que podem ser traduzidas como “julgar”. Porém, nesse caso, a raiz hebraica é *yased*, que quer dizer “para operar misericórdia”, “para fazer benevolência”, “para fazer feliz”. Dá-me um coração entendido, dá-me critério, dá-me *jokmáj*, para fazer feliz a Teu povo, para criar um clima, no ambiente de trabalho, onde todos se sintam valorizados, realizados, felizes, úteis, motivados e inspirados. Dá-me sabedoria, Senhor, para criar no local onde trabalho um ambiente onde Teu povo seja feliz.

Alguém poderia observar: “Mas se vamos liderar somente com o intuito de fazer o povo feliz, estamos indo a um extremo perigoso.” No entanto, a oração de Salomão é

no sentido de receber um coração entendido, para fazer feliz o povo e para saber discernir entre o bem e o mal, não enveredando para outro extremo.

## Mitos

**A**s vezes costumamos confundir certas coisas. Por exemplo, existem alguns mitos relacionados com o bom critério, a sabedoria e o discernimento. O primeiro mito é que o senso comum está relacionado com o grau de inteligência. Mas isso não é necessariamente verdade. Um homem pode ser muito inteligente, ter um quociente intelectual muito elevado, aguçadíssima capacidade mental, e ainda assim não ter critério. Um indivíduo inteligente não é, necessariamente, um homem dotado de bom critério. Essas duas coisas não estão sempre relacionadas.

Outro mito é que o bom senso está relacionado com o grau de instrução acadêmica que possuímos. Não é verdade. Evidentemente, quem possui maior preparo acadêmico tem tudo o que é necessário para desenvolver o bom critério. No entanto, nem sempre tem o senso comum. As escolas, os colégios e as universidades podem dar homens bem instruídos, mas nem sempre homens de bom critério, de coração entendido, de discernimento, sábios. Um título doutoral pode mostrar quanto tempo gastamos com livros, mas o bom critério nos mostra quanto tempo gastamos com Deus, com a vida e com as pessoas. São coisas que não estão necessariamente entrelaçadas.

Há ainda um outro mito, mais delicado por sinal. Muitos pensam que um homem espiritual automaticamente é um homem de bom critério. Também isso não é totalmente verdadeiro. Por isso, Ellen White afirma que “junto à espiritualidade, o bom juízo é indispensável para todo ministro”.

Creio que o profeta Samuel era um homem espiritual, mas apesar disso lhe faltou bom critério quando foi escolher o rei de Israel. E, não fosse a direta intervenção divina, sem dúvida, cometeria um lamentável erro.

## Conceituando critério

**A** esta altura, é conveniente responder à pergunta: O que é bom critério, bom juízo, coração entendido? O que significa sabedoria, discernimento e senso comum? Bom-senso é olhar a vida, as circunstâncias

e as pessoas, a partir da perspectiva divina, e então tomar a decisão correta. Mas isso não implica substituição de Deus. Olhar situações e pessoas a partir da perspectiva divina significa colocarmo-nos em Seu lugar e imaginar: Como Deus olharia esta circunstância e agiria neste momento? Qual seria a Sua decisão? Com isso em mente, analisemos a maneira como Deus resolveu um dos problemas que enfrentou:

Quando o homem caiu no pecado, havia um princípio segundo o qual a obediência acarretaria vida, e a desobediência traria a morte. O homem pecou, conseqüentemente deveria morrer. No “livro de praxes” estava escrito que se alguém pecasse deveria morrer. Não havia o que se discutir. A letra era clara e fria. E o diabo, certamente, estava do outro lado pensando: “Quero ver como Deus vai cumprir a ‘praxe’, como vai sair desta situação.” Deus tinha só dois caminhos. Se permitisse que o homem perdesse a vida, como conseqüência de sua desobediência, o diabo diria que Ele era um Deus abusivo, sem piedade, sem misericórdia e sem amor. Teria estabelecido uma lei que o homem não poderia cumprir. Se Deus perdoasse o ser humano, a acusação diabólica seria outra. A de que Ele era um Deus sem palavra, mentiroso, descumpridor de Suas próprias leis.

Qualquer que fosse a atitude divina, o diabo a enfrentaria com um argumento. Que fazer? Foi aí que Deus mostrou Seu bom critério. Por isso, Tiago diz que se alguém tem falta de *jokmáj* peça a Deus. Assim, Deus faz com que a “praxe” seja cumprida sem que o homem morra. Providencia um substituto para o homem. Cristo Se faz homem e morre pelo homem. Se a desobediência acarretaria a morte, morre o Filho de Deus perdando o homem. O regulamento é cumprido, funciona, mas de acordo com a perspectiva divina. Não apenas as circunstâncias são consideradas, mas também as vidas, as pessoas. E ninguém pode acusar a Deus de descumprir a praxe. Seu critério é maravilhoso.

Quando o diabo ficou sem argumento, Deus nem mesmo o ridicularizou. Isso não é do Seu feito. O bom critério nos ensina até a vencer, sem humilhar, mesmo o pior adversário.

Salomão pediu bom critério a Deus, e Deus lho dá. E, pouco depois disso, duas prostitutas se apresentam a ele, disputando a posse de um filho. Todos conhecemos a história. Cada uma se dizia mãe do filho. Não

havia provas, não havia como saber quem dizia a verdade. Que fazer? O Senhor o ensina a deixar felizes as pessoas, não a fazer o que todo mundo quer. Salomão ordena, então, que o bebê seja cortado pela metade, e a verdadeira mãe aparece. Quanta sabedoria! E o texto bíblico diz que todas as nações da Terra escutaram a história e vieram para ver a sabedoria daquele rei.

Necessitamos de mais critério em nosso ministério, quer sirvamos como pastores de igreja, diretores de departamentos, presidentes, secretários, tesoureiros, seja onde for, necessitamos de critério. Precisamos disso como oficiais de igreja, como anciãos, diáconos, etc. Precisamos mais *jokmáj*.

É um privilégio olhar a vida, as circunstâncias, as pessoas, a partir da perspectiva divina, para então tomar a decisão correta.

### As vantagens

Quais são as vantagens do bom critério? Uma delas é o equilíbrio. O ser humano, por natureza, está sempre pendendo mais para um lado ou outro. Nós seres humanos temos dificuldade para andar na linha do centro. Ou se vai para um extremo, ou para o outro. Somos muito conservadores ou muito liberais. Por que não podemos ser homens de bom critério? Por que não podemos andar no centro? Essa capacidade de equilíbrio somente Deus a pode dar, através de um dom simples que se chama bom critério, coração entendido, sabedoria ou discernimento.

Outra vantagem do bom critério é a capacidade de ser objetivo. O que é objetividade? É a capacidade de chegar ao alvo sem dar muitas voltas. Essa capacidade de poupar tempo, esforços, energias, sofrimento para as pessoas, para mim mesmo e minha família; essa capacidade de ir ao alvo sem muito rodeio, só Deus a pode dar através do dom simples que se chama bom critério.

Uma outra vantagem adquirida do bom-senso é a capacidade de administrar por objetivos, de olhar as coisas em sua amplitude. Qual é a missão da Igreja na Terra? O bom critério deixará bem claro na mente que a missão da Igreja não é simplesmente fazer conhecidas as suas doutrinas, nem simplesmente batizar e fazê-la crescer numericamente. Não é aumentar a quantidade de edifícios, hospitais, universidades, escolas ou templos, tampouco fazer evangelismo públi-

co, implantar programas de televisão e rádio. A missão da Igreja é reproduzir nos seres humanos o caráter de Deus. Porque quando o homem saiu das mãos de Deus, ele era perfeito e refletia o caráter de seu Criador. Mas o diabo interferiu no plano, de tal forma que hoje somos apenas uma caricatura do que era a imagem de Adão quando saiu das mãos do Criador.

A missão da Igreja, hoje, é levar o evangelho ao mundo, para que, pela Obra do Espírito Santo, o caráter de Deus seja novamente reproduzido nos seres humanos, e Sua glória possa ser vista em todo o mundo. Mas, se não houver bom critério, tal objetivo não poderá ser visto, e os líderes se perderão em detalhes supérfluos, concentrarão forças, talentos e dinheiro em estratégias e meios, esquecidos do grande objetivo.

Evidentemente, de alguma forma, o objetivo estará sendo cumprido, por tabela. Entretanto, o que muitos têm em mente não é o objetivo. São os detalhes. Por exemplo, líderes de jovens preocupam-se apenas com o trabalho em favor da juventude; evangelistas preocupam-se apenas com o evangelismo; líderes de Escola Sabatina preocupam-se somente com esse setor, mas é preciso ter-se em mente o objetivo supremo, e entender que não existem setores independentes na Igreja. Existe, sim, uma Igreja com uma missão. Mas esse discernimento, esse critério que liberta um pastor da idéia de tornar-se um mero promotor de departamento, levando-o a manter o verdadeiro sentido do ministério, somente Deus pode outorgar, através de uma coisa simples que se chama bom critério.

Salomão poderia ter pedido dinheiro, poder, riquezas, fama, glória e vida longa. No entanto pediu um coração entendido. Vale dizer, a capacidade de colocar-se em Sua perspectiva diante das circunstâncias da vida, dos homens, para que possa tomar a decisão correta a partir daí. E isso só por um motivo – tornar feliz o povo.

Particularmente creio que a Obra de Deus somente será concluída quando nós criarmos um ambiente maravilhoso ao nosso redor, quando as pessoas perderem o receio de se aproximarem de nós, quando não tivermos mais medo do outro, quando pudermos abrir o coração ao amigo e colega, quando pudermos chorar em seu ombro. Só então o Espírito de Deus vai operar poderosamente em Sua Igreja e vai nos levar à conclusão da mensagem na Terra.

# A ressurreição que garante as outras

JOE JERUS

Capelão da Universidade do Estado da Califórnia, campus de Fullerton.

Muitos eruditos, incluindo alguns teólogos liberais, não aceitam a ressurreição de Jesus como um fato histórico, embora o Novo Testamento a considere de importância crucial para a fé cristã. Por que? Há suficiente evidência para crermos num Cristo ressurreto?

O Novo Testamento considera a ressurreição de Jesus como fundamental para o evangelho e a fé cristã. Sem isto não pode haver cristianismo. Jesus apoiou Sua reivindicação como Filho de Deus e Salvador do mundo sobre a base de Sua ressurreição. Ele disse a Seus adversários: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei" (João 2:19). Pedro, em seu sermão proferido no dia de Pentecoste, falou deste "Jesus, o Nazareno ... ao qual Deus ressuscitou" (Atos 2:22 e 24), e num só dia três mil pessoas creram no Cristo ressurreto.

Numa de suas cartas pastorais, o apóstolo Paulo argumentou que a fé cristã quanto ao futuro está diretamente ligada à ressurreição de Jesus (I Tess. 4:14). Ele mencionou ainda que a fé cristã estaria anulada e destruída se a ressurreição de Cristo não se realizasse: "E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados." (I Cor. 15:17). Com efeito, para o apóstolo Paulo, Jesus "foi designado Filho de Deus com poder ... pela ressurreição" (Rom. 1:4). Como afirmou Michael Ramsey, "sem ressurreição não há cristianismo".<sup>1</sup>

J. I. Packer enfatiza a importância estratégica da ressurreição de Cristo para a fé cristã e a Teologia: "O acontecimento da Páscoa, assim eles [cristãos] afirmam, demonstrou a divindade de Jesus; validou Sua obra; atestou a conclusão de Sua obra expiatória pelo pecado; confirma Seu domínio cósmico presente e Sua breve volta como Juiz; nos assegura que Seu perdão pessoal, presença e poder na vida das pessoas hoje são um fato; e



garante a ressurreição de cada crente no mundo vindouro."<sup>2</sup>

Anthony Flew, um filósofo ateu e autor de *The Perspective of Atheism*, que rejeita a Ressurreição como um evento histórico, ad-

mite que o cristianismo fica de pé ou cai na base desse evento. Ele aceita a definição do Novo Testamento de ressurreição, como “levantar-se dentre os mortos” de um modo físico, e diz que para ser um crente autêntico a pessoa deve crer na ressurreição corporal. Ele afirma que uma “característica distintiva do verdadeiro cristão” é a aceitação do fato de que “a ressurreição realmente aconteceu”. Surpreendentemente, ele também argumenta que se a Ressurreição fosse verdadeira, provaria que todas as outras religiões e sistemas filosóficos estão “redondamente errados”.<sup>3</sup> Não é de admirar que a Bíblia apresenta Cristo como o único caminho para a salvação (João 14:6; Atos 4:12).

### Ressurreição e o incrédulo

**A** despeito de evidência bíblica tão clara quanto à ressurreição de Cristo, e ao fato de que os primitivos cristãos a aceitavam, porque será que encontramos tanto ceticismo a seu respeito, especialmente no seio da comunidade intelectual? Primeiramente, esses intelectuais refletem um preconceito contra o sobrenatural e estão convencidos de que a Ressurreição nunca poderia ter credibilidade histórica. Em segundo lugar, asseveram que os Evangelhos não possuem exatidão histórica e que os cinco relatos diferentes da Ressurreição (os Evangelhos e I Cor. 15) contêm lendas místicas com patentes contradições.<sup>4</sup>

Tal rejeição da Ressurreição e das narrativas dos Evangelhos foi grandemente influenciada pelo iluminismo do século XVIII e a teoria do evolucionismo do século XIX. Esses movimentos prepararam o clima intelectual para uma investigação crítica dos Evangelhos, resultando na “busca do Jesus histórico”. O racionalismo e a erudição liberal preferiram aquilo que diziam ser o Jesus autêntico e moralista, em oposição ao Cristo milagrosamente ressuscitado dos Evangelhos.

A “busca” começou com Reimarus, em Hamburgo, Alemanha, no ano 1789, e continuou com outros estudiosos que nas suas explicações excluíram os milagres como ocorrências naturais, fabricações e entendimento distorcido do que realmente aconteceu. Isso concordava com o que o filósofo escocês, David Hume (1711-1776), havia tentado anteriormente. Hume argumentava que algo para ser verdadeiro devia obedecer à unifor-

midade da lei natural. Se isso é certo, as leis da Natureza invalidam o sobrenatural. Essa rejeição dos milagres do Antigo e Novo Testamentos dominou mais de um século de pesquisa bíblica e culminou com Rudolf Bultmann um dos teólogos mais brilhantes deste século. Bultmann encarava o fundo bíblico como mitologia. Ele se propôs “desmitologizar” a Bíblia, eliminando ou reinterpretando os elementos miraculosos ou místicos a fim de descobrir seu valor ético existencial. Assim, Bultmann concluiu que “um evento histórico que envolve uma ressurreição é inteiramente inconcebível”.<sup>5</sup>

Mas um tal método histórico-crítico “científico” assume que a História é um contínuo fechado do qual o raciocínio humano e a observação são o único critério de toda realidade histórica. Exclui a possibilidade de milagre e do sobrenatural. Também impede indivíduos céticos de serem objetivos em seu exame dos documentos do Novo Testamento e a evidência para a credibilidade das Escrituras.

### Credibilidade do Novo Testamento

**D**uas das razões oferecidas para considerar os Evangelhos indignos de confiança são 1) que o texto tem sido alterado, corrompido por escribas cristãos; ou 2) que elementos lendários e milagrosos foram incorporados à história de Jesus pelos discípulos e pela Igreja primitiva. Isso resultou numa combinação de fatos históricos legítimos misturados com ficção “espiritual”.

No entanto, os fatos demonstram o contrário. As cartas de Paulo (Gálatas e I Tessalonicenses) antecedem à forma final dos relatos dos Evangelhos e contêm afirmações claras de que Jesus ressuscitou corporalmente dentre os mortos. Paulo escreveu essas cartas entre 16 e 21 anos depois da Ressurreição. I Coríntios 15, que contém um credo cristão primitivo que afirma a Ressurreição, foi escrito por volta de 55 a.D., apenas 25 anos depois da morte de Cristo.

William F. Albright, o mais respeitado arqueólogo deste século, afirma: “Todos os livros do Novo Testamento foram escritos entre a quarta e oitava décadas por um judeu batizado, do primeiro século de nossa era (muito provavelmente entre mais ou menos 50 e 75 a.D.).”<sup>6</sup> Mesmo um erudito crítico como John A. T. Robinson diz “que todos os Evangelhos foram escritos em sua

forma final antes de 70 a.D.” e a queda de Jerusalém.<sup>7</sup>

Essa confirmação das datas dos Evangelhos coloca por terra a acusação de que a fonte dos milagres atribuídos a Jesus e de Sua ressurreição foram lendas mitológicas desenvolvidas durante o longo intervalo entre a vida de Cristo e o tempo em que os Evangelhos foram escritos. Igualmente, podemos repudiar a alegação de que os discípulos criaram um Jesus fictício e sobrenatural. Imaginar os discípulos neste papel é um absurdo psicológico à luz do que ocorreu no Pentecoste e depois: um grupo de discípulos ignorantes, inibidos e amedrontados, que foram transformados em defensores ousados e pregadores do Jesus ressurreto como testemunhas oculares.

Eles confrontaram o mundo com esta mensagem e criaram uma comunidade de crentes que nenhuma oposição podia silenciar. Donald Guthrie tinha razão ao dizer que “o surgimento da fé exige tanto uma atividade sobrenatural como a própria Ressurreição, especialmente visto que surgiu nas condições mais adversas”.<sup>8</sup>

Qualquer exagero lendário escrito ou pregado pelos apóstolos ou crentes contemporâneos teria sido imediatamente averiguado pelas autoridades romanas ou judaicas presentes quando Cristo esteve na Terra. Ter-lhes-ia sido possível refutar publicamente qualquer insinuação de que Ele teria ressuscitado dentre os mortos. O fato de que houve um número impressionante de testemunhas oculares garante a credibilidade dos Evangelhos.

Winston Churchill, primeiro ministro britânico, foi considerado o salvador e preservador da civilização Ocidental durante a Segunda Guerra Mundial. Se alguém agora sugerisse que realizou milagres ao defender a Inglaterra através de algum poder sobrenatural, haveria um protesto público. Testemunhas poderiam confirmar que Churchill foi simplesmente um homem comum. O tempo decorrido desde a Segunda Guerra Mundial é mais longo que o intervalo entre a morte e a ressurreição de Cristo e os relatos escritos sobre Ele.

O procedimento para avaliar a confiabilidade do Novo Testamento é o mesmo que para outros escritos antigos cujo original não sobreviveu. Este teste é tecnicamente conhecido como o “teste biográfico”. Ele calcula o intervalo de tempo entre a escrita original do

documento e o número das cópias mais antigas que sobreviveram.

Calcula-se que há pelo menos cinco mil manuscritos antigos dos Evangelhos em grego.<sup>9</sup> A *Tyndale House*, em Cambridge, Inglaterra, é um centro especializado em pesquisa bíblica. Verificaram que há centenas de cópias feitas antes de 1000 a.D. Hoje há mais de 22 mil cópias de manuscritos do Novo Testamento em existência.<sup>10</sup> Essas estatísticas para o Novo Testamento são impressionantes quando se compara com o que existe de outros escritos antigos. Da *História de Roma*, de Tácito, que é considerada uma fonte histórica primária para aquela época, só 20 cópias sobreviveram. A *História* e a *Guerra Gálica de Júlio César*, de Tucídides, só podem pretender de oito a dez cópias respectivamente.

As datas dos manuscritos sobreviventes do Novo Testamento aproximam-se bastante dos escritos originais. Duas cópias do Novo Testamento datam de 350 a.D., o que é menos de 300 anos depois do original. Cópias incompletas do Novo Testamento que contêm os Evangelhos datam de antes de 250 a.D. Isto compara muito favoravelmente com os 1.300, 900 e 700 anos para os historiadores seculares mencionados acima. A descoberta mais impressionante é do manuscrito John Rylands do Museu Britânico, um fragmento do Evangelho de João que data de 130 a.D. John A. T. Robinson observa: “Falando da transmissão textual do Novo Testamento, a riqueza de manuscritos, e acima de tudo do curto intervalo entre a escrita original e as cópias mais antigas existentes, fazem dele o texto melhor atestado que qualquer outro escrito antigo do mundo.”<sup>11</sup>

### Evidência da ressurreição

**H**á duas evidências significativas da ressurreição de Jesus. A primeira é o “túmulo vazio”, a segunda são as experiências após a Ressurreição, nas quais os discípulos pretendem ter visto o Senhor ressurreto.

*O túmulo vazio.* Todos os quatro Evangelhos e a primeira carta aos coríntios concordam que três dias depois de Cristo ter sido crucificado, Seu túmulo foi encontrado vazio. Os discípulos insistiam que a explicação para o túmulo vazio era que Cristo havia ressuscitado dentre os mortos. Como advogado, Sir Norman Anderson comenta: “Foi o fato sólido do túmulo vazio e seus encontros

inesperados com o Senhor ressurreto que os levou – embora nem sempre imediatamente – do desespero à alegria triunfante.”<sup>12</sup>

Os críticos têm inventado teorias sobre o túmulo vazio. Essas teorias foram elaboradas progressivamente durante a “busca do Jesus histórico”. Uma tal tentativa é a da “Teoria do túmulo errado”, que foi originada por Kirsopp Lake. Ele afirma que no lusco-fusco das primeiras horas da manhã, as mulheres foram por engano ao túmulo errado. Foram encaminhadas por um jovem que pensaram ser um anjo para outro túmulo: “Vede o lugar onde o Senhor jazia.” As mulheres, e subseqüentemente os discípulos, foram ao túmulo errado e, achando-o vazio, erradamente proclamaram que Jesus tinha ressurgido.

Há, no entanto, algo errado com essa teoria. As autoridades judaicas e romanas, conhecendo a localização do túmulo de José, poderiam facilmente provar que o corpo de Jesus ainda lá estava e teriam imediatamente anulado as pretensões falsas dos discípulos de que Ele havia ressuscitado dentre os mortos. O argumento de Anderson contra essa teoria é convincente: “Por que não obliteraram eles este movimento perigoso negando a própria base da pregação apostólica, ou mesmo expondo o corpo putrefato dAquele cuja ressurreição estava sendo proclamada?”<sup>13</sup>

Outro argumento contra o túmulo vazio é a “Teoria do desmaio”, a qual pretende que Jesus foi tirado da cruz em estado de coma, mas que não estava realmente morto. A umidade do túmulo em vez de matá-Lo, O reavivou. Pedem que creiamos que removeu as vestes sepulcrais que pesavam quase cem libras, rolasse a pedra de duas toneladas da porta do sepulcro, passasse despercebido entre os guardas adormecidos, Se refugiasse com Seus discípulos e os convencesse que tinha ressuscitado dentre os mortos.

Uma variação desta hipótese é a conspiração da Páscoa, popularizada na década de 1960 por Hugh Schonfield no livro do mesmo nome. Jesus cuidadosamente

urdiu Sua “ressurreição” com José de Arimatéia, tomando uma droga possante na cruz, que acarretou Sua aparente morte. Foi imediatamente removido da cruz, por José, nesse estado comatoso e Seu corpo foi posto no sepulcro. Essa hipótese imaginária não explica como os soldados romanos, que eram bem familiarizados com a tarefa da crucifixão, teriam sido logrados em pensar que uma pessoa estivesse morta. O Jesus reanimado teria de morrer mais tarde, e Seu corpo escondido sem que alguém o soubesse.

*Os encontros do Jesus ressurreto.* A segunda evidência significativa a favor da Ressurreição são os encontros de Cristo com Seus discípulos, após o acontecimento. Isso mais adequadamente explica o que aconteceu com Seu corpo: foi trazido dentre os mortos pelo poder de Deus. Mesmo os historiadores e teólogos mais

---

## Proclamando a Ressurreição, os discípulos enfrentaram o mundo e criaram uma comunidade de crentes que nenhuma oposição podia silenciar

---

céticos acreditam que a investigação histórica confirma o relato de que os discípulos estavam convencidos de que eles tinham visto o Senhor ressurreto. Esse foi o testemunho comum dos apóstolos. Como C. H. Dodd escreve, “algo ocorreu a estes homens, que eles só podiam descrever dizendo que tinham visto o Senhor. Isso não é um recurso a qualquer experiência cristã generalizada. Refere-se a uma série par-

ticular de ocorrências, de caráter único, que não se repetem, e confinadas a um período limitado”.<sup>14</sup>

Não obstante, esses críticos não estão preparados para admitir que Jesus realmente ressurgiu do sepulcro. Eles preferem dar explicações alternativas para as experiências subjetivas dos discípulos, ocorridas após a Páscoa. Por exemplo, o Bispo James A. Pike, que abraçou o espiritismo pouco antes da morte de seu filho e que pretendia ter tido comunicação com o morto, escreveu de suas experiências no livro *The Other Side: An Account of My Experiences With Psychic Phenomena*. Nesse livro, ele pretende que os discípulos

tiveram encontros e visitas que transformaram sua vida. Ele interpreta tais experiências como um substituto para a ressurreição corporal. Segundo a "teoria da ressurreição espiritual" de Pike, o corpo de Cristo não ressurgiu, mas Seu espírito escapou do corpo e Ele apareceu aos discípulos na forma de um fantasma. Espíritas e muitos teólogos liberais e leigos aderem a essa posição. Contudo, essa teoria espiritualista não concorda com a afirmação explícita de Jesus a Seus discípulos. Quando Ele apareceu aos discípulos no cenáculo, eles ficaram assustados pensando estar vendo um espírito. Jesus os acalmou dizendo: "...Sou Eu mesmo; apalpai-me e verificaí, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho." (Luc. 24:39).

Essa teoria também não explica o corpo ausente do sepulcro vazio, nem reconhece que o termo grego para ressurreição refere-se especificamente a um corpo ser ressuscitado, e jamais à partida de um espírito do cadáver de alguém.

Outra teoria psicológica freqüentemente usada para explicar os encontros de Jesus com Seus discípulos, após a ressurreição, é a "Teoria da alucinação". Alucinações se limitam quase exclusivamente a certos tipos psicológicos e são altamente individuais. É impossível que 500 pessoas alucinassem coletivamente num lugar (I Cor. 15:6) e que noutras ocasiões, outros indivíduos tivessem a mesma fantasia (Mat. 28:16 a 20; Marcos 16:12 e 13; Luc. 24:36 a 38; João 20:26 a 29). Essas experiências são índices de fatos objetivos e não de impressões subjetivas.

As condições psicológicas preparatórias para que estas pessoas tivessem alucinações pecam pela ausência. Nem Paulo era um candidato à alucinação sobre o Cristo ressurreto, no caminho de Damasco, com sua mente fixada na perseguição dos discípulos. Além disso, a terminação abrupta dos encontros com todos os discípulos sugere que não eram alucinatórias.

Quando consideramos a evidência como um todo, a única explicação possível para o fato do sepulcro vazio, o testemunho dos discípulos quanto aos encontros com Cristo ressurreto, a transformação dos apóstolos, a conversão subsequente de milhares no dia de Pentecoste, e a disseminação do evangelho através do mundo, só pode ser a Ressurreição. Como argumenta Wolfhart Pannenberg, "os encontros durante a Páscoa não devem ser explicados a partir da fé pascoal dos discípulos; ao contrário, a fé pascoal dos discípulos deve ser explicada a partir dos encontros".<sup>15</sup>

Como cristãos, nós não somente temos a certeza de que Jesus ressuscitou dentre os mortos, como também temos a esperança de que visto Ele viver, também nós experimentaremos a ressurreição dentre os mortos. Nossa vida eterna depende do fato de que ele morreu e ressurgiu. Nossa fé repousa não sobre um embuste, mas numa certeza histórica.

Referências:

1. John Young, *The Case Against Christ*, Londres, 1986, pág. 160.
2. Gary Habermas e Anthony Flew, *Did Jesus Rise From the Dead?*, San Francisco, 1987, pág. 143.
3. *Idem, idem*, pág. 3.
4. John Wenham, *The Easter Enigma*, Grand Rapids, MI, 1984, pág. 9.
5. Rudolf Bultmann, *Kerygma and Myth*, Londres, 1953, pág. 39.
6. William F. Albright, *Christianity Today*, janeiro de 1963, pág. 3.
7. R. T. France, *The Evidence for Jesus*, Downers Grove, 1981, pág. 101.
8. Donald Guthrie, *New Testament Theology*, Leicester, Inglaterra, 1981, pág. 183.
9. Bruce Metzger, *The Test of the New Testament*, Nova Iorque, 1968, pág. 36.
10. John McDowell e Bill Wilson, *He Walked Among Us*, S. Bernardino, Califórnia, 1988, pág. 113.
11. John Young, *Op. cit.*
12. Sir Norman Anderson, *Jesus Christ, the Witness of History*, Leicester, 1985, pág. 117.
13. *Idem*, pág. 129.
14. C. H. Dodd, *The Founder of Christianity*, Londres, 1971, pág. 168.
15. Wolfhart Pannenberg, *Jesus: God and Man*, Londres, 1968, pág. 96.

# Crianças que pedem socorro

CAROL CARRELL

Conselheira infantil, diretora clínica associada  
do Redwood Family Institute, em Eureka,  
Califórnia, EUA.

Sentada em frente ao psiquiatra, a pequena menina loura exibiu seus lindos olhos azuis, curiosos demais para seus quase sete anos. Com o queixo arrebitado, a certa altura do diálogo, disparou: "Primeiro eles me disseram que não existem duendes. Depois, coelhinho de Páscoa, nem Papai Noel. Quando será que vão me dizer que Jesus também não existe?"

Essa inquietação revelava uma ponta de desconfiança nos adultos. E nesse caso não era totalmente irrazoável. Ela mesma confiara antes em alguém que se dizia chamado por Deus, e fora traída, tornando-se mais uma vítima de abuso sexual.

Trabalhar com crianças que são vítimas de abuso sexual por parte de conselheiros e clérigos, requer uma habilidade muito especial em virtude da dinâmica da confiança traída por pessoas de *status*. Existe uma carga adicionada em ajudar crianças que sofreram abuso, por clérigos, em virtude de que toda a questão do envolvimento de Deus torna-se bastante crítica. Há incontáveis crianças feridas e de coração sangrando (muitas delas em corpos adultos), nas congregações e comunidades. Não apenas deveríamos ser sábios para combater os pecados de abuso e exploração sexual, como também necessitamos aprender a tomar medidas preventivas contra essa epidemia que se expande, ameaçando nosso futuro.

## Abuso e sedução

A dinâmica do abuso sexual infantil é ilustrada por cinco estágios de interação abusiva, que estão relacionados entre si: abordagem, atividade sexual, segredo, descoberta, e ocultamento.<sup>1</sup>

*Abordagem.* Por abordagem, entendemos a ação do agressor em preparar a vítima. Ou seja, um adulto procurando insensibilizar e convencer uma criança a participar de algu-

ma atividade sexual com ele. O ato de abordagem começa quando o agressor dispensa especial atenção a uma criança. Frequentemente, a vítima em perspectiva é a primeira criança, em um grupo, a ser reconhecida, e a merecedora da última palavra de atenção. Presentes especiais, passeios e algum tempo passado juntos, são algumas atitudes que ajudam a escolher a futura vítima, dentro de uma família ou grupo de amigos. Infelizmente, pais e tutores tendem a confiar cegamente em pessoas que também podem se tornar abusivas – clérigos, psicoterapeutas, profissionais de saúde e professores.

Com o vínculo estabelecido, o agressor ocasionalmente somará sensações físicas prazerosas. Essas podem incluir toques como fazer cócegas, alisar cabelos, costas e rosto, abraçar mais demoradamente do que o faz com outras pessoas. Dessa forma, a criança começa a associar as sensações físicas de prazer com o agressor, somando-se a isso o sentimento de ser uma pessoa especial em sua vida.

*Atividade sexual.* O processo de engajar uma criança numa atividade sexual vai se expandindo gradualmente, com o aumento de sensações prazerosas. Até esse ponto, é improvável que tenha ocorrido qualquer abuso sexual. E aqui, o nudismo começa a ser introduzido no processo, com a criação de oportunidades para que a criança possa observar o agressor despido – depois de um banho, ou enquanto troca suas roupas.

A pornografia, quer em vídeo, áudio, ou literatura, pode ser partilhada de uma forma que enfatize a intimidade especial existente entre os dois, ou promova posteriormente o aspecto secreto do processo de abuso. O aspecto físico progride dos longos abraços aos beijos, às carícias, masturbação e, eventualmente, intercursos sexual. O perversamente hábil molestador tomará tempo para insensibilizar a criança e fazê-la sentir-se confortável em cada estágio progressivo.

*Segredo.* O ofensor tentará isolar a criança, valendo-se de suborno, ameaça, acusação, intimidação, e, em casos extremos, tortura e violência. O suborno inclui promessas de presentes, se a criança não falar nada. A acusação pode ser feita com declarações, como por exemplo, “posso ser mandado para a cadeia se você falar”, ou “você nunca mais me verá se alguém descobrir”. Declarações de ameaça incluem algo como “você tem de dizer não”, ou “você não vai fazer isto”. A intimidação pode vir por declarações como: “Eu sou um adulto e ninguém vai acreditar em crianças. Além de tudo, também sou um oficial da igreja.”

A tortura pode incluir qualquer tipo de injúria física aplicada à criança, durante o ato sexual ou fora dele; ou, ainda, aprisionamento durante pouco tempo. Pode também vir na forma extrema do assassinato, ou dano imposto a um animal de estimação da criança, sob

suas vistas, e ameaças a seus irmãos e pais.

*Descoberta.* Usualmente, o abuso sexual não é relatado. Por causa de seu relacionamento com o agressor, ou temor de represálias pelos membros da família, a vítima não raro busca protegê-lo. Também, a criança frequentemente não possui habilidade verbal ou cognitiva para compreender e relatar o que lhe aconteceu. Se o abuso ocorreu durante certo período de tempo, a criança torna-se confusa e pensa que a falha é sua; sentindo-se responsável por não ter descoberto logo no início.

Quando a criança revela o abuso, é importante validar a descoberta, e até agradecer-lá por ter contado. Em geral a criança não mente sobre assuntos de abuso sexual.<sup>2</sup> É importante que ela saiba que seu relato é digno de crédito, não apenas para construir uma confiança terapêutica, mas para legitimar suas lutas.

Não é necessário se ter todos os detalhes e ordem cronológica dos acontecimentos (embora isso seja necessário depois, se for o caso de alguém ter de testemunhar num tribunal). As crianças relembram fatos por referências a feriados, escola (se antes, durante ou depois das aulas), dia do aniversário, em lugar de meses, dias ou semanas.

Também não é importante colocar palavras na boca da criança. Este não é o momento para corrigir conceitos nem descrever nomes próprios para as partes do corpo. Esse tipo de digressão confunde a criança e dá a impressão de que o adulto não acredita em seu relato.

*Ocultamento.* Com freqüência, depois da descoberta, a criança pode tentar voltar ao estado anterior de esconder, negar ou racionalizar o abuso. Pode até articular o desejo de dizer que jamais falou coisa alguma: “Eu gostaria de nunca ter falado nada. Minha vida se tornou um inferno depois disso.

Nada aconteceria se eu tivesse me calado.”

É importante compreender a necessidade de ocasiões para descanso e para prover segurança física e emocional para a criança. O ambiente terapêutico deveria alimentar essas coisas, e o terapeuta deveria tornar-se alguém de quem a criança recebe

afirmação, apoio e encorajamento. Compreender a ambivalência e a angústia emocional do processo descoberta-ocultamento é crucial para o terapeuta trabalhar com a vítima infantil.

### O impacto

Quando o agressor é uma pessoa associada a assuntos religiosos, a criança sente-se como que roubada de seu lugar de segurança. Deus poderia tornar-se, para ela, identificado como um coadjuvante do agressor, trocando a esperança pelo dano. Algumas declarações feitas por vítimas, são suficientes para entender o que ocorre com elas:

“Eu cresci sabendo que Deus me amava. Pensei que isso acontecia por causa do que Ele é, não porque eu fosse digna, merecedora, ou tivesse qualquer valor. Jesus me ama quando eu sou uma boa garota. Larry me fere, e eu não gosto disso. Ele diz que eu fui uma garota má. Jesus já não me ama.”

“Tudo o que você tem de fazer é clamar por Jesus para que Ele venha salvá-lo. Bem, talvez Ele não o faça. E agora você quer que eu vá para a igreja ouvir, outra vez, um punhado de falsas promessas? Não, obrigado.”

“Eu não posso ter comunhão com meu

---

Quando a criança revela o abuso, é importante validar a descoberta, e até agradecer-lá por ter contado.

---

Pai celestial. Meu pai biológico era um pregador que falava sobre o inferno de fogo e enxofre, mas nos tocava de uma forma que nenhum pai deveria fazer. Deus é o Deus de meu pai, não meu! Eu não tenho obrigação de suportar a hipocrisia da igreja. Toda vez que eu ouço um pregador, tenho vontade de gritar: Mentiroso, vagabundo! Se realmente existe Deus, eu espero que Ele jogue você no inferno de fogo e enxofre, do qual meu pai tanto falava.”

Tais experiências são as pedras com que é construído o edifício de mágoa, desespero e depressão que pode destruir uma vida. Como guardadores destas crianças, necessitamos estar atentos para detectar sinais, ouvi-las, sentir e compreender a mágoa que as faz carregar tão arraigadas cicatrizes. Nossas crianças nos olham como pessoas confiáveis, em palavras e ações consistentes com a Palavra de Deus.

### Tratamento

O processo de tratamento deve respeitar os cinco elementos de sedução, apontados anteriormente. Ao lado disso, a criança deve ser equipada para desafiar o uso impróprio de autoridade em sua vida.

Existem muitos modelos para tratamento de abuso sexual, com o processo sendo dividido em duas fases: 1) intervenção na crise e 2) tratamento. A intervenção frequentemente requer completa ajuda e apoio para a vítima e sua família. A tarefa central envolve o relato do acontecimento, proteção à vítima, investigação, planejamento e coordenação de arranjos para os serviços médicos, psicológicos, legais e sociais que sejam necessários. O processo de tratamento deve ser conduzido por profissionais terapeutas credenciados, competentes e experientes em casos de abusos sexuais.

### Opções de tratamento

**T**erapia de grupo para crianças. Um dos benefícios de trabalhar em grupo, é que a criança compreende não ser ela a única pessoa

que foi vítima desse tipo de anormalidade. Cada criança pode relatar para outra a sua experiência, e como foi pressionada a não falar para ninguém. Como as crianças empregam muito tempo juntas, elas acabam confiando uma na outra, e no adulto que atua como líder. Esse líder deve monitorar o processo de tal forma que a criança não se sinta pressionada a admitir algo que não tenha acontecido, nem reprimir algo que tenha ocorrido.

Enquanto desenvolve a confiança em grupo, a criança aprende apropriadas habilidades sociais e limites sexuais. Elas aprendem como conduzir as diferenças dentro da estrutura do grupo e como resolver os conflitos sem ameaças, intimidações ou violência. A auto-estima, que foi abalada pelo abuso, pode ser recuperada, encorajada, e fortalecida numa atmosfera na qual a criança é respeitada, valorizada e cuidada.

*Terapia de grupo para adolescentes.* Esse método também é uma boa escolha para adolescentes, devido ao poder de influência que eles exercem entre si, especialmente se o conselheiro os induz a prestar benefícios terapêuticos. Os colegas que experimentaram um trauma semelhante, podem representar uma altamente efetiva fonte de apoio, cuidado, desafio e persuasão para adolescentes que estiveram tratando com o medo, ira e confusão, relacionados com o abuso em si, além da convulsão familiar.

Nos grupos mais efetivos, os membros experientes auxiliam os novos membros; todos são livres para discutir e explorar qualquer assunto; podem levantar questões, sabendo que receberão respostas claras. Os conselheiros mais eficazes são aqueles que exemplificam os valores divinos, mantendo um comportamento apropriado, guiando a discussão sem manipulá-la, e que canalizam a influência mútua para o melhor benefício das vítimas.

*Terapia familiar.* O alvo desse modelo de terapia é restaurar famílias a um sistema aberto e educativo, com o entendimento de que a proteção da criança de abusos posteriores deve ser uma prioridade antes da reunificação familiar.

---

Os conselheiros mais eficazes são aqueles que exemplificam os valores divinos, mantendo um comportamento apropriado, sem manipulação.

---

Famílias em terapia, devido a abuso sexual, geralmente estão em desarranjo, divididas, e, freqüentemente, travam uma batalha na justiça criminal e nos sistemas de serviço social. Elas estão tristes, assustadas e ressentidas. Não raro submetem-se ao tratamento de modo involuntário. O terapeuta familiar deve firme e compassivamente manter o foco do abuso, ou a família assumirá uma atitude negativa e desviará o assunto central.

*Terapia individual.* O tratamento do abuso sexual para crianças maiores gira em redor de terapia expressiva: bonecos, marionetes, dança, música, arte e jogos. Essas formas são também muito eficazes para adolescentes que estão entrando em depressão ou hostilidade. Crianças traumatizadas que sejam incapazes para verbalizar sua experiência de abuso, responderão muito bem às artes. Esse modelo de terapia prevê um forum mais efetivo de comunicação e resolução do abuso.

A terapia artística inclui meios como desenho, pintura, colagem, e manuseio de massa. A imagem visual habilita as vítimas para expressar e comunicar o que não podem fazê-lo verbalmente. Com a terapia artística, as crianças podem mudar e alterar as circunstâncias do abuso, aprender medidas de segurança e praticá-las. Por exemplo, ao trabalhar com marionetes, elas podem aprender a dizer: "Não, eu não quero isto. E vou falar com minha mãe agora mesmo."

### Clérigo agressor

Quando uma criança sofre abuso por parte de um clérigo ou conselheiro cristão, o significado do papel desse homem na vida da criança contribui em grande medida para seu prejuízo. Como resultado, os seguintes passos de tratamento tornam-se críticos no processo de recuperação:

*Sentimentos de ambivalência para com o agressor.* A criança é ajudada a resolver tais sentimentos, pela aceitação da experiência necessária de ordená-los, e por encorajá-la a expressá-los plenamente. Também é importante estabelecer a diferença entre amor genuíno e toque físico.

*Luta com a imagem de Deus.* A criança freqüentemente tem sentimentos de incerteza em relação a Deus e pode levantar questões difíceis. O conselheiro necessita distinguir o mau comportamento e a recusa do agressor para submeter-se à graça de Deus e fazer a Sua vontade. A criança, por sua vez, necessi-

ta compreender que Cristo também sofreu e pode ajudar no processo de cura. O cuidado de Deus deve ser gentilmente reafirmado, em meio aos sentimentos de abandono e traição.

*Temor e ansiedade.* A criança, vítima de abuso sexual, necessita estar seguramente protegida de represálias por parte do agressor, pais, irmãos, membros da igreja e de outras pessoas. Elas necessitam expressar seus sentimentos de temores, e saber separar os temores reais dos irreais.

*Culpa e baixa auto-estima.* A criança deve ser ajudada a desafogar seus sentimentos de culpa e receber a certeza do incondicional amor de Deus. Deve ser reforçada a realidade de que a criança não é causadora do abuso, nem é responsável pelo caos que se segue à descoberta dos fatos. É preciso identificar e afirmar as boas qualidades da criança.

*Confiança e confusão.* Não é fácil compreender o real prejuízo que ocorre quando uma pessoa importante trai a confiança de uma criança. O conselheiro deve dar tempo à vítima, para que ela possa confiar nele como uma pessoa revestida de autoridade, embora não deva forçá-la a confiar em suas boas qualidades. Deve ser cuidadoso quanto a seu próprio comportamento, evitando toques físicos, por exemplo. A vontade da criança deve ser respeitada.

*Ira e depressão.* Nesses casos, a criança torna-se exteriormente depressiva e interiormente hostil. Ela se sente impotente em virtude do tipo de prejuízo sofrido, e pode manifestar tendências para um comportamento suicida e autodestrutivo. De maneira cuidadosa, no entanto, ela deve ser levada a libertar seus sentimentos de ira, sendo alvo de apoio incondicional. A terapia de grupo pode ser um bom lugar para libertação construtiva dos sentimentos de ira.

*Dificuldade em falar sobre o abuso.* Se lhe falta habilidade de linguagem para falar claramente sobre o abuso, o conselheiro pode mostrar à criança maneiras alternativas para expressar sentimentos e pensamentos. Ela deve ser encorajada a falar abertamente e a revelar os segredos impostos pelo agressor.

*Preocupação com assuntos sexuais.* Em virtude da perversa violação sofrida, a criança perdeu sua inocência sexual. Ela agora está, prematuramente, condicionada por sentimentos sexuais e, não raro, preocupada com sexo de maneira errada. Portanto, deve

ser educada com respeito aos sentimentos sexuais e ao comportamento inadequado. Isso é feito mediante o exemplo, diálogo, e pela permissão de partilhar abertamente assuntos sexuais sem cruzar os limites impróprios.

### Pedra no pescoço

Uma das mais duras sentenças contra o pecado é a declaração de Jesus relacionada com aquele que prejudicar uma criança: "E quem receber uma criança, tal como esta, em Meu nome, a Mim Me recebe. Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em Mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar." (Mat.

18:5 e 6). Isso nos dá uma idéia, ainda que pálida, do horroroso fim daqueles que um dia estarão diante de Deus com a vida manchada por tão grande mal.

Naturalmente, a melhor coisa que homens e mulheres devem fazer é evitar causar qualquer prejuízo moral a uma criança. Todavia, se a vigilância falhar, conselheiros competentes devem estar preparados para prestar-lhes toda assistência necessária à sua recuperação.

#### Referências:

1. Ver Roland Summit, *The Child Abuse Accommodation Syndrome*, International Journal of Child Abuse and Neglect 7, 1983, págs. 177 a 193.
2. Grant Martin, *Critical Problems in Children and Youth*, pág. 107; Dallas: Word, 1992.

## Lembre-se disto

1. Abuso sexual é um crime pelo qual o adulto sempre é o responsável.

2. Uma denúncia de abuso sexual infantil deve ser levada a sério e investigada ao máximo. Abafá-la significa contribuir para que o crime se espalhe e novas vítimas sejam feitas.

3. Ouça a criança. Em 98% desses casos, ela não mente. Mantenha abertos todos os canais de comunicação, deixando-a à vontade para falar sobre o assunto. Providencie-lhe segurança, aconselhamento e proteção. Deixe bem claro que ela não é a parte culpada.

4. A criança deve ser ensinada a proteger-se, sabendo fazer a diferença quando as pessoas tocam o seu corpo. Um toque bem-intencionado é quando ela é abraçada por pessoas que a amam. Toque perverso é aquele que fere, como palmadas ou beliscões. E há o toque secreto, quando um adulto toca lugares privados do seu corpo e diz: "Não fale para ninguém."

5. Nenhuma parte do corpo humano é indecente. Deus fez nosso corpo de um modo tão maravilhoso, que ele deve ser bem guardado. Algumas partes dele são

muito especiais; e, por isso mesmo, devem ser mais cuidadosamente protegidas.

6. Se uma criança pudesse evitar todas as pessoas estranhas, já ajudaria a resolver 5% do problema. Em 95% dos casos, o agressor é uma pessoa conhecida.

7. O corpo humano, mesmo de uma criança, foi feito também para experimentar prazer. Quando esse sentimento é explorado por uma pessoa de confiança, o trauma psicológico pode ser mais prejudicial do que o estupro violento, praticado por um estranho.

8. Muitos molestadores de criança agem como pessoas absolutamente normais. São bem integrados e até queridos pela comunidade onde vivem e atuam, não emitindo o menor sinal gerador de desconfiança.

9. Por mais surpreendente que seja, pais, padrastos, avós, tios, clérigos, professores e médicos também figuram como agressores.

10. A igreja precisa estar alerta. Abuso sexual de crianças também acontece em comunidades religiosas. Precisamos proteger nossas crianças.

## PASTOR

# Como administrar um superdistrito

GEORGE CHAMA MWANSA

*Ex-pastor em Kitwe, Zâmbia, cursa o mestrado em Teologia na Universidade Andrews.*

**E**u acabara de completar meu bacharelado em Teologia, em 1985. Animado, tinha a paisagem da minha mente repleta de idéias que planejava colocar imediatamente em prática. Entre meus colegas formandos, senti-me um privilegiado ao ser designado para uma pequena cidade, onde cuidaria de apenas quatro igrejas e sete congregações. Com um arsenal de idéias brilhantes eu estava pronto para fazer a diferença.

Infelizmente, ou felizmente, permaneci apenas quatro meses naquele lugar. A União enviou-me um chamado para servir como professor de Bíblia na escola ministerial. Fiquei totalmente perplexo. E isso porque não havia simplesmente nada em mim que justificasse a escolha. Eu estava solteiro e carecia de "importância ministerial" (qualquer que seja o significado disso). Meu preparo era limitado; no que dizia respeito à experiência pastoral e de magistério, eu era um neófito. Entretanto, aceitei o chamado e procurei fazer meu melhor, pela graça de Deus.

No quinto ano de minha permanência na escola ministerial, senti uma vontade indo-



mável de retornar ao trabalho pastoral. Quando não mais foi possível conter dentro de mim o fogo desse desejo, fiz um pedido formal à Comissão Diretiva da escola para ser dispensado da função e retornar ao antigo Campo. O pedido foi graciosamente aceito, e logo encontrei-me de volta à desafiante e difícil tarefa de pastorear. Eu mencionara à Comissão que, entre muitas coisas que desejava realizar, estava uma incursão no ministério radiofônico. Assim, não me surpreendi quando fui enviado à cidade de Kitwe, onde poderia utilizar as instalações dos estúdios de transmissão nacional.

Kitwe contém dois distritos: o distrito norte e o distrito sul. Assumi esse último, que possuía sete igrejas e dez congregações. Quatro dessas congregações já tinham alcançado o *status* de igreja, e aguardavam apenas a formalização. Essas igrejas e congregações estavam espalhadas através de uma vasta área, tornando difícil o atendimento. O problema de locomoção agravou-se posteriormente, em virtude do elevado custo dos automóveis.

### Expectativa dos membros

**E**u realmente não sei como nem de onde os membros tiraram a idéia de que os ministros são super-homens do púlpito que, prazerosa e habilmente, se levantam em qualquer ocasião e distribuem dádivas espirituais para suas almas famintas. Deles não se requer apenas que sejam pregadores completos, mas administradores, professores, pastores e evangelistas de cada uma das igrejas e congregações do distrito. Como ministros, devem cumprir todos esses diversos papéis. E eles não são problemas dos membros.

Depois de tudo, não estiveram eles, os pastores, freqüentando o seminário onde supostamente tudo isso lhes foi ensinado? E embora seja verdade que, como resultado da falta de pastor para cada igreja, os membros aprenderam a conduzir os negócios de uma igreja por si mesmos, é igualmente verdade que a síndrome do pastor-piloto corre solta. Existe uma tendência de se ouvir o que o pastor tem a dizer, mesmo em assuntos aparentemente singelos. O problema de excelência em cada expectativa é muito real. Diante disso, nenhum pastor tem tempo para concentrar-se num problema sem correr o risco de atender deficientemente outras áreas. A tentação para tornar-se um "pau-para-toda-obra" e um mestre de nada é irresistivelmente grande.

### Expectativa do Campo

**C**omo um representante do Campo, de mim se espera que não apenas movimente internamente o meu distrito, mas também cumpra a missão de levar a mensagem às redondezas. Cada departamento da Associação ou Missão, por mais medíocre que isso pareça, trava uma guerra de sobrevivência através do meu trabalho.

Eu tenho encontrado tempo, em meu recheado programa, para promover cada um dos departamentos da igreja. Mas como você já pode imaginar, essa não é a única expectativa do Campo em relação a mim. Preciso recolher e compilar relatórios das igrejas, e enviá-los ao escritório. E você sabe que esses relatórios são muitos. Existe aquele temido relatório conhecido como Relatório Trimestral. Como o nome indica, ele deve ser apresentado no fim de cada trimestre. Provavelmente seja o mais importante de todos os relatórios, pois existem lugares onde os pastores não recebem o salário enquanto não o remetem. O cheque simplesmente fica retido até que o tal relatório seja apresentado.

O Relatório Trimestral é, muitas vezes, difícil de ser compilado por muitas razões. Primeira, em algumas igrejas o secretário não escreve de maneira legível. Segunda, quando o relatório é apresentado, chega com atraso. Terceira, quando faltam os formulários nas igrejas, os secretários não têm iniciativa de providenciá-los. Simplesmente deixam de relatar. E andar de igreja em igreja atrás de um relatório, para o pastor, é sempre uma experiência frustrante.

Bem, eu poderia continuar falando de relatórios, mas esse não é o propósito deste artigo.

A questão é, em meio de todas essas expectativas e algumas exigências grotescas, o que os pastores podem fazer para aliviar a carga de seu trabalho? Tive oportunidade de freqüentar a extensão de um colégio americano, onde grande parte do que eu aprendi tinha a tendência americana de tratar situações que eram totalmente diferentes. No curso de História Americana, por exemplo, o professor pediu-nos que memorizássemos os nomes de todos os presidentes americanos, desde Washington até Reagan! E enquanto os Estados Unidos deslizavam seus míses de idéias teóricas, eu ansiava poder destruir as fortificações inimigas, desintegrando-as com o míssil realista do patriotismo zâmbio.

### Como administrar

**R**ealmente, que fazer quando você tem sete igrejas e dez congregações, ou mais, para administrar? Levando-se em conta, especialmente, os inconvenientes mencionados anteriormente? Se você é um pastor

que vive em tal situação, acredito que este artigo é para você.

Minha esperança é que você possa aproveitar uma ou duas idéias que lhe ajudem a sair do apuro. De minha própria experiência, sugiro quatro saídas que me têm ajudado bastante.

*1. Divida o distrito em regiões.* O Espírito Santo impressionou-me a dividir o distrito em duas zonas administrativas. Então tratei de vender a idéia para a comissão de anciãos. As igrejas foram agrupadas, de acordo a sua proximidade geográfica, em regiões A e B. Convoquei uma reunião com os membros de cada região e expliquei-lhes as razões pelas quais sentia a necessidade de fazer a divisão. Como acontece com qualquer mudança, houve aqueles que se opuseram ao plano. Uns poucos mostraram-se totalmente incrédulos. A maioria, no entanto, aprovou a nova estrutura, e lançamos o programa. Em cada uma das duas regiões, foi escolhido um lugar que funcionou como sede.

Mas, na prática, como o plano funciona? Deixe-me exemplificar: Escolhi o mês de setembro para que todos os membros fossem reunidos na igreja-sede da região. Durante a primeira semana, estudamos sobre testemunho pessoal. Na segunda, aprendemos como descobrir e desenvolver os nossos dons espirituais. A terceira foi uma semana de reavivamento e, na quarta, houve um intervalo. Mas o último sábado da quarta semana foi um Dia de Visitas. O clímax da programação aconteceu à tarde, quando distribuímos a todos os visitantes exemplares dos livros *O Que Eu Gosto Nos...*, de George Vandeman, e *Caminho a Cristo*, de Ellen White.

Assim, minhas atividades durante o mês de setembro restringiram-se a essa região.

Um programa dessa natureza não pode acontecer sem que algumas considerações importantes sejam levadas em conta. Primeiramente, o tempo das reuniões diárias é importante. Elas devem ser programadas de tal maneira que o maior número possível de irmãos possa estar presente. Em segundo lugar, os anciãos devem encontrar, com as respectivas igrejas, um método de transportar os membros para o local das reuniões. Onde o transporte é escasso ou caro, os membros podem fazer pequenas caravanas, dar “carona”, locomovendo-se em grupo. E, em terceiro lugar, a própria dedicação do ministro, seu carisma e habi-

lidade para ensinar, também afetarão o êxito das reuniões.

Muitos pastores de distritos extensos têm a tendência de visitar uma e outra igreja, semanalmente. Esse método possui algumas desvantagens. Se você não tem automóvel, por exemplo, a locomoção torna-se um problema sério. Se você vai de igreja em igreja, cada semana, você realmente não está empregando qualidade de tempo com os membros. E, embora pareça que o trabalho está sendo produtivo, pois você está sempre em cada igreja e congregação com certa freqüência, a verdade é que de fato não está.

A divisão do distrito em blocos administrativos, por outro lado, traz algumas vantagens. Primeira, o pastor consegue reunir várias igrejas e congregações na mesma ocasião, encontrando-se também com um maior número de membros de uma só vez. Segunda, ele tem a chance de avaliar o grau de êxito ou falhas de seu trabalho. Terceira, a distância de viagem é reduzida, o que ajuda a economizar o orçamento de viagens. Quarta, a área de operação é reduzida, liberando o pastor para pensar e planejar de modo mais organizado.

*2. Crie uma comissão distrital de planejamento.* Coordene o trabalho do distrito de tal forma que tenha uma estrutura administrativa semelhante à do Campo. O pastor do distrito torna-se, como de fato é, o “presidente” do distrito. Um membro leigo, com habilidade administrativa, e preferivelmente um ancião, deve ser eleito como o secretário da comissão distrital de planejamento. Na ausência do pastor, essa pessoa dirige as reuniões. Também será necessário eleger um vice-secretário, um tesoureiro e um tesoureiro assistente. O vice-secretário atua como secretário, quando o secretário dirigir as reuniões, ou estiver ausente.

Em um distrito pastoral existem dois tipos de ministério: o interno e o externo. O ministério interno cuida de programas para nutrição espiritual e orientação dos membros, preparando-os para o ministério externo. Jovens Adventistas, Ministério da Mulher, Mordomia Cristã, Educação, Música, entre outras áreas, fazem parte do ministério interno da igreja.

O ministério externo preocupa-se com as necessidades da comunidade. Ele inclui o trabalho em hospitais e presídios, rádio, saúde e evangelismo pessoal e público.

Os líderes eleitos para os vários departamentos, anciãos de igreja e diretores de congregações fazem parte da comissão distrital de planejamento.

Vejamos agora como o distrito planeja seu trabalho. Cada trimestre, num fim de semana designado, todos os membros da comissão distrital de planejamento se reúnem num lugar afastado, não apenas para recreação, mas para aprender o como e o por que do funcionamento dos departamentos da igreja. Durante esse encontro, são prestados relatórios dos departamentos, e feitas avaliações sobre o andamento do programa existente.

Minha função primária, como pastor, é a de um instrutor e motivador desse pequeno grupo de líderes, ajudando-os a acionar seus dons e talentos. Eles, em troca, voltam às várias igrejas e congregações, interpretando e implementando as ações da comissão executiva distrital. Planejam com seus membros o programa local, assumindo também a responsabilidade pelo treinamento deles. Assim, é importante que os oficiais eleitos não apenas organizem as atividades, mas sejam capazes e dispostos a treinar outras pessoas.

Cada igreja, através de seus líderes, apresentam planos de ação, por escrito. Esse plano estabelece impetivelmente que "na terceira semana de junho, será conduzida uma campanha evangelística de porta em porta". O projeto deve ser detalhado e deve incluir itens como pessoal, finanças, materiais, programa de atividades, alvos, etc.

Em adição a esse planejamento impresso, os líderes devem apresentar também um breve resumo do que aconteceu no trimestre, em suas igrejas e congregações. Isso me ajuda a saber o que está acontecendo nas várias igrejas e congregações, e quais necessitam de minha atenção imediata. Os diretores de departamentos também apresentam relatórios de seu trabalho. Em lugar de correr para cima e para baixo, de um lado para outro, fazendo o que outras pessoas podem fazer, eu coordeno e supervisiono o programa. Conseqüentemente, tenho tempo até para fazer um programa radiofônico de 30 minutos, semanalmente.

3. *Crie um concílio distrital.* O concílio distrital é a mais alta instância do distrito. A comissão distrital de planejamento é uma subcomissão do concílio distrital. Esse concílio é composto de todos os membros da comissão de cada igreja. Ele avalia as ações

da subcomissão e recebe relatórios das igrejas e congregações. Reúne-se uma vez por trimestre, num domingo. O secretário e o tesoureiro desse concílio são as mesmas pessoas que desempenham tais funções na comissão distrital de planejamento.

Tudo isso pode parecer uma máquina burocrática, lenta e maçante, mas é fundamental para preservar a unidade no distrito.

4. *Organize um centro de comunicação.* Num distrito com muitas igrejas e congregações, espalhadas por uma vasta área, e sem um bem estabelecido sistema de disseminar informações, a fluência da comunicação pode ser muito lenta. Não estou falando de distritos situados em grandes ou médios centros, com sua excelente infraestrutura de comunicação. Falo de lugares onde o pastor não possui automóvel, telefone, computador, nem mesmo uma máquina de escrever. Em tais condições, a comunicação torna-se mais que um peso. É frustrante.

Que fazer? Comece apontando um diretor de comunicação para o distrito. Essa pessoa deve ter em mãos, no início do trimestre, todas as informações direcionadas às igrejas. Será responsável pela produção de um boletim que deve ser enviado às igrejas e congregações.

#### Livre para pastorear

Assim, livre do trabalho rotineiro, o pastor pode concentrar-se em outras áreas de seu interesse. Posso exemplificar três áreas, pelo menos: a primeira, é o treinamento. Muitos pastores enfatizam a pregação, e eu compreendo muito bem a sua importância; mas, duvido que eles possam fazer isso bem, num distrito grande. O pastor deve partilhar as habilidades necessárias a outras pessoas que também podem fazer o trabalho. Isso envolve tanto treinamento de métodos, como ensinamento do conteúdo.

A segunda área é o desenvolvimento de relacionamento com os membros e de habilidades interpessoais. Você pode motivar os irmãos por seu exemplo de vida, seu entusiasmo pelas coisas de Deus e Seu povo, e seus sonhos e visão relacionados com a comunidade da fé.

Finalmente, a terceira: fazer o melhor quando se levanta atrás do púlpito. Sua pregação deve ser cristocêntrica, preparada com oração, orientada pela Bíblia e abençoada pelo Espírito.

# Sem perder o controle

NORMAN WRIGHT E GARY OLIVER

**P**rovavelmente, soam-lhe familiares quaisquer das seguintes afirmações:

“Quantas vezes eu já lhe disse para não me interromper, quando estiver falando ao telefone?”

“Já lhe falei milhares de vezes: não pegue coisas desta gaveta sem pedir.”

“Eu já estou cansada e doente de ver você deixar restos de coisas pela casa. Você faz esse lugar parecer um chiqueiro. Quero tudo limpo, já!”

Se você é pai ou mãe, seguramente já experimentou a frustração refletida nessas reclamações. Embora nossas crianças sejam uma grande fonte de alegria, também podem ser uma grande fonte de frustração e sentimentos de derrota. Às vezes, o problema não está tanto nas crianças, mas nas emoções que afloram em nós.

Essa é a razão pela qual um dos mais desafiadores aspectos da paternidade é aprender que existe uma enorme diferença entre reagir e responder às crianças. Quando nós *respondemos* a uma situação causadora de frustrações ou ira, nós nos encontramos mais capacitados para dizer ou fazer coisas que contribuem para uma solução. Mas quando nós *reagimos* com ira explosiva, sarcasmo, ou ameaças, destruímos as emoções positivas que desejamos modelar em nossas crianças, inspirando nelas sentimento de culpa, desencorajamento e derrota.

Pais que não aprenderam a controlar suas próprias emoções, estão correndo o risco de se tornarem verbalmente – e mesmo fisicamente – abusivos. Eles não se revelam instantaneamente dessa maneira, mas, durante longos anos, abafam a voz interior de advertência, provocando assim a realidade do ser fora de controle.

## Luta e frustração

**C**omo conselheiros, temos conversado com milhares de pais e mães que amam seus filhos e desejam o melhor para eles. No entanto, lutam com certo nível de



frustração. Foi assim com Karen, uma mulher cristã maravilhosamente bem casada, mãe de duas crianças. Seu maior desejo era ser uma grande mãe, mas era muito impaciente com os filhos. Quando se sentia frustrada, Karen tornava-se sarcástica e ameaçadora. Inicialmente, suas crianças respondiam, mas ela raramente cumpria as ameaças e isso fazia com que as crianças não se preocupassem muito com o que a mãe dizia.

Pelo fato de que as crianças não levavam muito a sério sua ira, Karen aumentava consideravelmente o tom de voz e insistia no perigo das conseqüências, tentando obter alguma resposta.

“Posso eu realmente mudar a maneira de responder aos meus filhos?” Muitos pais têm levantado essa questão por muitos anos. Felizmente, a resposta é sim. A seguir, enumeramos seis dicas que podem ajudar:

### Reconhecer o problema

O primeiro e mais importante elemento de mudança é admitir para você mesmo, para Deus e uma ou duas pessoas mais, que você tem lutas para disciplinar seus filhos sem reações exageradas. Quando você reconhece o problema diante de Deus, você está admitindo uma coisa com a qual não pode tratar sem a ajuda dEle. Volte-se, então, para as promessas da Bíblia, tais como as encontradas em Romanos 8:28, Filipenses 4:13 e 19. Você certamente se surpreenderá, ao ver quão encorajador e fortalecedor é olhar as próprias preocupações à luz do que Deus é e do que Ele promete a Seus filhos.

Depois de reconhecer a existência do problema, aceite a responsabilidade por ele. Uma das primeiras coisas que Adão e Eva fizeram depois de comer o fruto proibido no Jardim do Éden, foi transferir a responsabilidade de seu ato para outros seres. Eva foi enganada pela serpente e Adão foi enganado por Eva. No fundo, Adão teria sido enganado por Deus que lhe deu Eva. Desde então, nossa natureza pecaminosa sempre procura um responsável pelos seus atos.

Numa das conversas com Karen, ela

disse: “Se Jordan pudesse ajustar-se consigo mesmo, eu não precisaria ficar tão irada.” De certa forma, isso é verdade. Mas com tal afirmação, ela simplesmente demonstra estar colocando a responsabilidade de suas emoções sobre um menino de sete anos.

### Identificar a impetuosidade

Muitas crianças dizem ou fazem coisas que aborrecem os pais. Mas algumas formas de comportamento, particularmente, parecem ter origem nas reações do tipo “estopim curto” que alguns deles manifestam. Aqui estão algumas dentre as mais comuns:

\* Lamentações e queixas.

\* Conversa, gritos ou interrupções quando você está ao telefone.

\* Não realização das tarefas que devem ser cumpridas.

\* Xingamentos.

\* Pegar coisas sem pedir.

\* Não guardar objetos depois de usá-los.

\* Morosidade.

\* Desrespeito.

A maneira mais fácil de identificar seus impulsos é fazer uma lista dos tipos de comportamento que fazem você perder a calma com seus filhos. Karen enumerou as queixas de Jordan, e o desrespeito casual, como ações que impulsionavam seu aborrecimento com o filho.

### Descobrir pontos vulneráveis

**K**aren começou a ver que não era apenas o comportamento de Jordan que acendia sua ira. Havia outros fatores em sua vida que a tornavam vulnerável para responder a Jordan com gritaria, ameaças e sarcas-

mo. A melhor maneira para determinar tais fatores é lembrar as três ou quatro vezes mais recentes em que você perdeu a calma com seus filhos. Então, faça a si mesmo as seguintes perguntas, levando em conta as últimas 24 ou 48 horas:

\* Estava mais atarefado que o usual?

\* Aconteceu alguma outra dificuldade?

\* Dormi pouco ou me exercitei menos que o costureiro?

\* Porventura o fato ocorreu em determinado período do dia, da semana, ou mês?

Temos encontrado mães que descobriram serem mais susceptíveis ao descontrole do temperamento no meio da semana, quando elas se sentem oprimidas; outras identificaram o fim de semana como seu período mais vulnerável. Muitos pais descobriram que correm grande risco durante as horas que antecedem o jantar ou o momento de dormir. Qual é sua zona de perigo?

### **Analisar respostas anteriores**

**A**lguns anos atrás, alguém nos disse: “É uma loucura descobrir o que não está funcionando, e então fazê-lo funcionar.” Minha primeira reação foi rir. Mas além da risada, estava o reconhecimento de que também havia alguma “loucura” em minha vida. Algumas das minhas maneiras de aproximação dos conflitos e comunicação com minha esposa e filhos não estavam funcionando, e eu não havia conseguido mudá-los ainda.

Muitos pais sofrem desse tipo de loucura. Empregamos anos aperfeiçoando respostas que, finalmente, se demonstram sem efeito. A gritaria, as ameaças e o sarcasmo de Karen nunca produziram qualquer resposta positiva em seus filhos. E essa maneira de ser compreendia 90% de suas respostas a Jordan.

Todavia, uma vez que estejamos conscientes de nossa paternidade, podemos descobrir novos caminhos para tratar com velhos problemas. O que ainda não foi tentado? O que outros pais estão tentando, e que parece funcionar? Que tipos de resposta são mais condizentes com o que você deseja modelar em suas crianças?

Karen leu muitos livros sobre educação de filhos e conversou com algumas amigas, bem como professores de seus filhos. Acabou produzindo uma lista de sugestões que ocupou duas páginas. Orou sobre elas, priorizou-as, e preparou-se para colocá-las em prática.

### **Desenvolver um plano realístico**

**U**ma parte dos planos de Karen foi o desenvolvimento de expectativas mais realísticas. Durante anos, Karen trabalhou

para ser uma mãe perfeita, mas essa busca de perfeição apenas fazia crescerem a pressão e expectativas irreais. Karen comprometeu-se a trocar sua busca de perfeição pela de crescimento. Decidiu também manter expectativas realísticas para suas crianças, levando em conta sua personalidade e as diferenças etárias.

Mas um dos mais importantes objetivos estabelecidos por Karen foi o de procurar controlar-se, antes de explodir com Jordan. De acordo com o livro de Provérbios, “o longânimo é grande em entendimento” (14:29), e “melhor é o longânimo que o herói de guerra” (16:32). Karen decidiu dar um tempinho antes de reagir. Essa pausa lhe daria a chance de ponderar e orar sobre o que e como iria dizer.

Ela também descobriu que quando se encontrava em meio a uma situação potencialmente explosiva, quando ela permitia que suas emoções toldassem a capacidade de pensar claramente, invariavelmente caía na tentação de agir como antigamente. Assim, decidiu que o melhor tempo para tratar com um problema era antes de a situação tornar-se um problema.

Karen estabeleceu novas maneiras de enfrentar situações frustrantes. Escreveu-as num cartão e, cada manhã, orava pedindo força e ajuda a Deus para colocá-las em prática. Seu esposo representou uma significativa ajuda.

### **Avaliar e prosseguir**

**Q**uando você se dispõe e começa a agir, fatalmente observará pequenos sinais indicativos de crescimento: redução na frequência de “explosões”, em sua intensidade e em sua duração. Tenha em mente que você raramente verá mudanças em três áreas ao mesmo tempo.

O plano de Karen era simples, prático e mensurável. Ele foi além das boas intenções, tornando-se específico. A melhor notícia é que, por mais de quatro meses, o plano de Karen funcionou. Ela aprendeu como controlar suas reações emocionais diante dos filhos e tornou-se uma grande mãe.

Muitas pessoas querem mudar, mas poucos querem passar por um processo de mudanças. Esse processo pode ser frustrante e desencorajador; não estando isento de falhas ao longo do caminho. Mas não desista. Com a ajuda de Deus e com um claro compromisso de sua parte, você pode tornar-se na mãe que deseja ser.

## BIBLIOTECA DO PASTOR



**GUIA PARA MINISTROS** – Preparado pela Associação Ministerial da AG, editado pela Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 272 páginas.

O *Manual Para Ministros* foi revisado em 1977. Em virtude das mudanças ocorridas no ministério, desde aque-

la época, sentiu-se a necessidade de reescrevê-lo com o título *Guia Para Ministros*, ao invés de uma simples revisão. Pastores de todo o mundo colaboraram para sua confecção, oferecendo idéias e sugestões. Os secretários ministeriais votaram a extinção do formato antigo, de folhas soltas, que o tornaria mais caro; dando-lhe agora o formato de um livro. A Associação Ministerial acredita que este material continuará sendo de extrema utilidade para os pastores, graças à atualidade e à clareza de seu conteúdo.



**COMO VIVER ACIMA DA MEDIOCRIDADE** – Charles R. Swindoll, Editora Vida, São Paulo; 283 páginas.

Este não é apenas um livro sobre motivação, aparentemente bom no papel, mas que acaba ful-

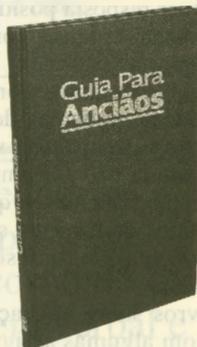
minado nas trincheiras da vida diária. É um livro confiável e realista, cujos princípios derivam do maior *best-seller* de todos os tempos, a Bíblia. Mas não aguarde expressões açucaradas ou banais. O que Swindoll oferece são doses maciças de estímulo, as quais desmornam as fortalezas da mediocridade.



**TÉCNICAS DE ENSINO NA ESCOLA SABATINA DE ADULTOS** – Charles H. Betz, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 143 páginas.

Este livro é um valioso auxílio para os professores da Escola Sabatina de

Adultos, que desejam melhorar a qualidade da sua didática e ensinar como Jesus ensinava. O benefício é válido para anciãos e pastores, tanto na tarefa de ensinar na Escola Sabatia, como na de treinar professores. O leitor ficará fascinado ao estudar os métodos utilizados por Jesus, pois Ele usava técnicas de ensino que somente agora estão sendo descobertas pelos educadores modernos.



**GUIA PARA ANCIÃOS** – Preparado pela Associação Ministerial da AG, editado pela Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 142 páginas.

Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, os anciãos locais

pregam mais sermões, visitam mais membros e dão mais conselhos pessoais do que os pastores. Indubitavelmente, a Igreja não poderia funcionar sem eles. Este manual foi preparado para ajudar esses líderes a compreender sua vocação e auxiliá-los em suas funções pastorais e de liderança. Acompanhado de um guia de estudo, ele se destina também aos diretores de congregações e igrejas que não possuem anciãos.